

LIMITES E OUTROS  
EXAGEROS  
e alguns poemas



Pedro Du Bois

Nem discutimos, nossos  
limites decorrem não só  
da necessidade de sobrevivermos o tanto possível,  
como de nos fazermos  
atávicos personagens da  
continuidade através dos  
filhos. Assim por diante.  
Suportamos as ausências,  
bem como nos sentimos anti-heróis na  
idealização do milagre.  
Rasgamos corações em  
busca do que não  
alcançamos e nos  
tornamos estrangeiros  
na visão nativa: o animal  
insaciável nos contempla  
na interioridade em que  
nos banalizamos como  
personagens.  
A visão não me perdoa  
pelo tanto que avisto.

# **LIMITES E OUTROS EXAGEROS**

**e alguns POEMAS**

**PEDRO DU BOIS**

**Poesia**  
**1ª edição**  
**Outubro 2019**



Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição, Setembro 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa, diagramação e ilustrações: Tânia Du Bois

Revisão pelo autor

Artes das ilustrações:

Limites e outros exageros: Foto/ Pedras das Bruxas/ Luisa Du Bois / 2014

O suportável hábito de me fazer ausente: Arte/ Pedro Du Bois / 2017

O anti-herói: Arte / Sani Vidal / Máquina Humana / entalhe em madeira /2013/

Projeto Passo Fundo.

Rasgos: Arte/ Pedro Du Bois / 2017

Estrangeiro: Dobradura /Júlia e Luísa Du Bois / 2016

O animal insaciável: Arte/Carlos Eduardo Paes Leme Nicolini/ Praça dos Plátanos 10 /

2001/ Projeto Passo Fundo

A banalização como personagem: Arte / Pedro Du Bois / 2018

D815l Du Bois, Pedro

Limites e outros exageros [recurso eletrônico] :  
e alguns poemas / Pedro Du Bois. – Passo Fundo :  
Projeto Passo Fundo, 2019.

15,5 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-422-4

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

estabelecemos limites que nos façam confortáveis  
aos exageros decorrentes dos suportáveis  
heróis/anti-heróis em que somos rasgos  
territoriais aos estrangeiros que nos habitam  
fossem animais insaciáveis em busca  
da banalização que nos personalize



## **SUMÁRIO**

**7** Apresentação

**9** Limites e Outros Exageros

**37** O Suportável Hábito De Me Fazer Ausente

**67** O Anti-Herói

**101** Rasgos

**131** Estrangeiro

**155** O animal Insaciável

**177** A Banalização como personagem



## APRESENTAÇÃO

**Limites e Outros Exageros** é o convite de Pedro Du Bois a que mergulhemos, profunda e completamente, em uma conversa poética, em que é permitido ouvir vozes ativamente presentes, vindas do que há de mais humano, que é a capacidade de produzir arte através das palavras.

Pedro produz códigos plenos de significados, mantendo atentos os sentidos em sua plenitude. Atingimos o topo sensorial entre as páginas que ele elabora com cuidado, quando tocados em prazer e sobressaltos bem derramados nesta obra rica de comunicação humana. O autor promete, página a página, num crescendo, uma experiência literária por completo, sem facilidades simplistas, mas, eivadas do incansável esforço em encantar, em trazer o vocabulário capaz de traduzir o que é íntimo, mas universal.

Esta não é uma obra datada, pois, tem o potencial de sobreviver ao tempo e ao espaço, o que caracteriza as grandes obras artísticas e literárias. Ela é fruto da interlocução do autor com o mundo, com os livros, com as pessoas. É daí que Pedro extrai o sumo espesso e perfumado que expressa em palavras. É isto que encanta nesta obra!

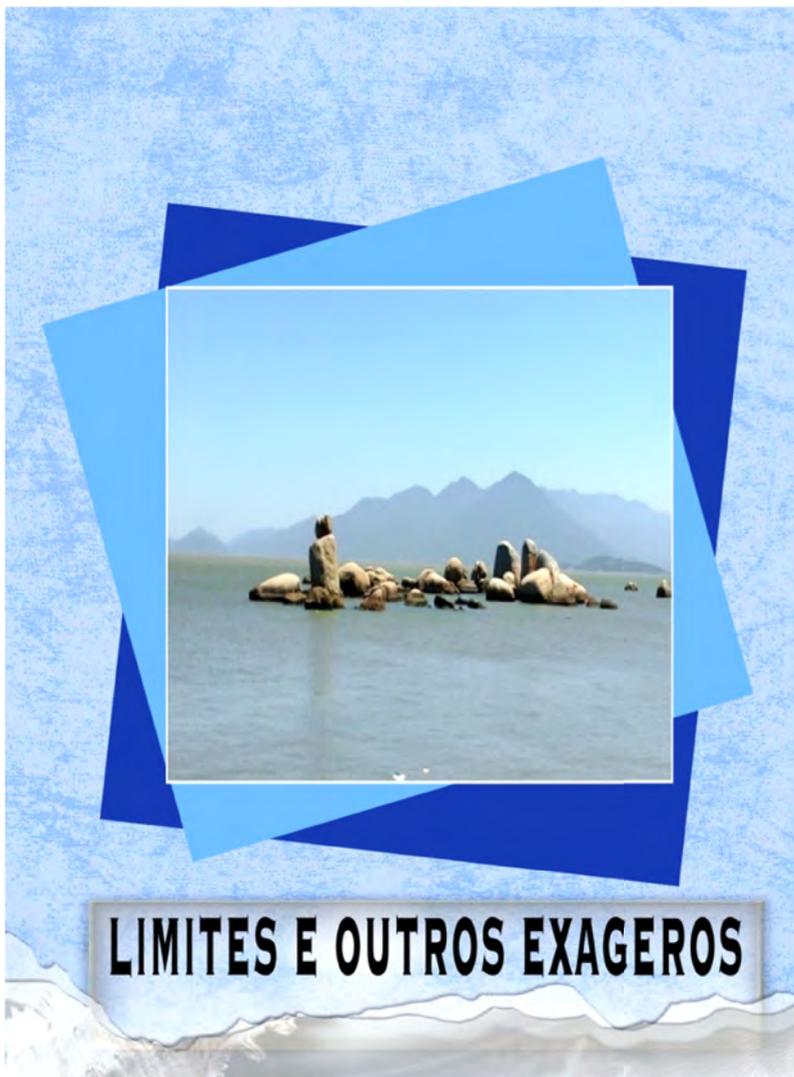
Como Baudelaire, Pedro submerge em si, onde está a sua pátria, e parte para o mundo poético, com a propriedade de reconhecer os próprios seres imaginários e os recônditos de alguém lapidado pela sofisticada observação do que seja a condição humana. A “pátria” de Pedro é impossível de ser vista a olho nu, por conter frinchas por onde espiamos, incapazes de perscrutar os veios de um subsolo precioso. É de seu próprio sangue que o autor nos alimenta, enquanto tentamos compreender a profundidade da sua obra.

Portanto, alimente-se, espie e sensibilize-se para sobreviver de corpo e alma nesta obra magistral!

**Sueli Gehlen Frosi**

Escritora, Membro da Academia

Passo-Fundense de Letras



(Foto/ Pedras das Bruxas/ Luisa Du Bois / 2014)



Antes anoiteça

o dia se estira em poentes:  
movimentos estressam a crosta  
em falhas: não se repetem  
aconteceres. O melhor da festa  
na inexistência do dia anteriormente  
eleito em sombras. Onde repousam  
lembranças geradas em instâncias  
inferiorizadas pelo medo.

Até o desenlace o nó perdura  
dificuldades no corpo sufocado  
pela esperança.

Todo dia

hoje: até se formar em futuros  
dias. No sonho o tempo  
dispersa. O corpo  
reflui contatos  
que no melhor da hora  
retornam altitudes.

Hoje a imagem diluída do esboço  
na alteração do espaço esmaece  
rubores: a graça do dia  
consequente executa  
perímetros agregados  
em símbolos fortuitos.

Eternidade: casca de banana  
sobre o passeio de incautos  
passos aventados no endeusamento  
de suas valentias. Aqui para sempre.

O ilimitado arcabouço da fronteira  
inexistente no separar o corpo  
do espírito: junções descabidas  
entre nomes e adjetivos  
na impossibilidade  
da partida feita recomeço.

Dizer das circunstâncias em que o amor  
declarado se oferece voluntariamente  
no prazer concebido pela partida.

Do parto reprogramado no feriado.

Mais importante: saber  
da consequência antes  
cessem os ventos.

Nos olhos o reflexo  
perdura o espaço  
tempo desprogramado: o retinir  
da impaciência conduz a memória  
ao esquecimento. A mulher coabita  
afazeres. Crianças se oferecem ao desgaste.

No reflexo olhos ressentem  
imagens fechadas em aberturas  
interiores.

Móveis horizontes permitem  
a permanência: em movimento  
o corpo tangencia. Nada muda  
enquanto estático se oferece.

Mãos evidenciam proximidades:  
tateiam algo  
na concretude  
do acaso. Pés demovem  
o corpo  
no esforço  
para se manter parado. Ouvidos  
se desinteressam da estática onda  
no fundo ressonante. O horizonte  
acompanha a angústia repetida.

Ao asceta recusam desejos.  
Carne e folhas. Perfume. Olhar  
afixado ao fundo. Gestos comedidos  
em necessidades. O veneno inoculado  
sob o ar assombrado do profeta.

Na negação estética  
o corpo se conforma  
em vicissitudes: confunde  
virtudes. Aos objetos concede apenas.

Aos animais concerne evitar ao asceta  
a proximidade: vetar sobre óbices  
a oportunidade.

Domesticado em obrigações  
tangencia fronteiras:  
  
a vida  
no retorno  
do trabalho: casa recomposta  
em filhos no final de semana.

Espaço delimitado no gozo  
da impropriedade: o caçador  
desorientado em ruas de casas  
numeradas.

A palavra cotidiana se insurge no absurdo  
da rotina. Refulgem ofertas de trabalhos  
obrigatórios. Transitam em longas desculpas  
doenças e doçuras: não se alimentam  
pássaros libertados de suas consciências.

Aliás: melhor deixar seguir em enfrentamento  
o desdouro pelo cálice entornado: assobiar  
retém apenas o esforço.

Ciente da dificuldade a herança  
se propaga em crises havidas  
para horas vindouras: pela tarde  
e no entardecer  
ou à noite  
e no anoitecer.

Gastar o desgosto exige concentração  
e esforço: sorrir amores  
relaxa a oportunidade  
de aparentar  
madrugadas  
amanhecidas.

Infinitivo reduzido no irrealizável  
imperdível  
indelicado  
infortúnio

impensado  
iludido: necessitado

de amparo  
e suporte: precisa renovar  
o estoque  
remover  
as cinzas  
reaplicar  
os ganhos  
refletir  
imagens.

A forma é conceito  
posto em prática. Sentimento  
é forma desprovida. Música  
é universo decomposto. O silêncio  
contem sons desnecessários.

O horizonte conforma o todo.  
O todo dispensa a originalidade.  
Amar é se apresentar  
em intensidade: doar ao essencial  
sua dubiedade.



## **1º MOVIMENTO**

A pretenciosa invasão dos sentidos  
sinaliza a espera: vontade desenfreada  
a rolar  
morro

abaixo: debaixo da serventia revivem  
ideias largadas na partida. Retornos  
indiciam corpos não acontecidos.

Ainda.

Talvez a rua seja o meio de algo além  
da vista. A visita recebida em abraços  
noticia mundos constados na imaginação.  
A imagem referencia o contido no esforço.  
A rua talvez enseje lados contraditórios.

A pressa com que esvai o vaso  
do que traz de casa. O andar  
da carruagem contém a desdita  
palmilhada: fossem pés deixados  
ao vento: outonos pronunciados  
em baixas palavras de sedução.  
Lenta agonia até se saber  
inalcançável. Horas apetecidas  
em anoiteceres: primeiros  
e seguintes. Antes  
se acostumem as palavras  
em frases conhecidas.

No início o novelo se distingue  
pela ponta: fio desconexo entre guerras.

Enlevo ao tempo  
recorrente: não há passado  
no espaço entrecortado  
pela insuficiência. Resta

a coragem voluntariosa no *desnosar*  
a possibilidade entre o fio recorrido  
e o corte: talvez soltar o prisioneiro  
não liberte.

Ilusão de ser amado: no acontecimento  
futuro perduram sonhos que a maciez  
da cama impede dissentir. Manhãs  
acaloradas e tardes despertadas  
no oportuno senso  
de recolhimento: avôs recriam acertos  
e avós desenham flores nas grades  
do portão. O lado de fora reserva  
impropriedades. O cão em desabalada  
carreira ataca o carro na passagem.

Os vidros da janela  
cintilam gotas de chuva.

Amarrados cordéis: sapateiam pés  
aprimonadas em urbanidade.  
O calçado fornece ao transeunte  
a certeza de algum caminho.  
Descaminhos se abrem em campos  
não cultivados: encostas ultrapassadas  
em escarpas de rios abertos em quedas.

Lagos cercam margens inservíveis.  
Escoar significa perder a importância  
interiorizada em extremo isolamento.  
Ser na lamentação o decoro:  
murmúrios em mãos apertadas.

Nem assim dizeres esvoaçam. Nem  
tranças existem. Nem torres  
avançam linhas: diretas ao espaço.

Ser na audição o eco reconduzido  
pelo som imaginário: no bem  
chegar reconhecer  
na vontade o anseio  
para ir embora.

Comentar o passado sem reviver  
o estado  
primário  
das orações  
em medos.

Estabelecido na similaridade  
somar atribuições  
ao fator conservante  
da ideia. O ponto finaliza  
algo após e depois e além (de mim).

Cometer a pena: apagar o passado  
no refletir histórias em vozes  
de neutralidade. Requerer  
liberdades ao observado.

Ao prisioneiro ofertar  
dispensas: apelar ao sagrado  
sempre que o esforço divinizar o medo.  
O verificável sobrevive  
em especulações: a voz inaudível  
reconta público mistério esganiçado  
sobre telhados em formas  
desproporcionadas no esgotar  
do perfume: desfolhada forma  
de artificializar despropósitos.

Itens realizáveis.  
O espetáculo surpreende o esforço  
de se fazer anômalo ao discurso.



Rever na entrelinha  
o espaço dispersado ao óbvio.

Desacreditar no instante  
em que a descoberta  
resume fogos de artifício.

A estranheza é forma  
mesquinha na revolta  
ante o ovo: posto em elisão  
e contexto: gema e clara  
isoladas ante o contrato.

A forma é estranheza  
posta à prova: desdouro  
curtido em novidades.

Ao ovo cabe a estranha forma  
de ser elíptico e geral  
no que conforma.

A necessidade impõe nomes  
no reconhecimento: o passar  
do dia no anoitecer em luzes:

o entender reclama  
possibilidades sempre e após  
o ato: comparar o novo  
ao conhecido  
em limitações.

A utilização da espera configura  
dramas irrealizáveis no sorriso da mulher  
desalmada em essência

da bruxaria complicada  
na inconsciência: caldeirões substituem  
o alvoroço da caça em disparada.

De olhos fechados a realidade  
transita sons. O inimaginável  
se oferece em conquistas  
na escuridão dos lugares esvaziados.

Na espera justificam  
o sonho antes de tudo.

Acompanhar: pessoas conversam  
na calçada. Carros estacionados  
aguardam partidas. Em silêncio  
o carteiro entrega destinos

- e contas a pagar -

pelo espelho o mar é escarpada praia  
de areias intumescidas: saem pessoas  
ao destrabalho de se saberem  
transeuntes. O automóvel guiado  
em cuidados faz meia-volta  
e retorna ao fluxo: observar  
o cotidiano na vontade  
de ser participante.

O produto distende propriedades.  
Evita preços menores. Orienta  
palavras em gastos e gozos.  
O guizo premia o gato  
animalesco no telhado.

Alguém adivinha o passado: sobre  
pedras dispersas na areia  
casas desconstruídas.

A oferta condensa a inutilidade  
do produto. Mesmo confeitado.

(Muitos são vistos na elementaridade  
do protesto: afundam embarcações  
menores: soçobram).

No elemento refeito em impropriedades  
afluem sortilégios de benfazejos  
nomes: reapresentados em ilusões  
no dissabor de ofensas em clamores  
na visão emborcada.

Para que não negue sua participação  
lavra  
ata  
veraz: assinada pelos presentes  
de acordo com a matéria  
  
elencada  
discutida (exaustivamente)  
e aprovada.

Do secretário - determinado -  
consta a última assinatura  
enlaçando a sessão.

Antes se arrependa das decisões  
entorna combustível sobre páginas  
incendiárias em palavras  
de conformidade: na lembrança  
resta a utopia desmembrada  
de atos de resistência. Convive  
na obscuridade dos castelos  
em lâminas de encobrimento.

Ao arauto cabe renunciar a voz  
ao espetáculo: fluir o obstado.

Em algumas reformas morrem ideias  
atazanadas: nas ratoeiras sobram  
queijos estragados: ultimadas  
na descrença restam corpos  
desorganizados  
no desprezo: ódio. Não há oportuna  
opção de retrocesso.

Em cada esquadro o ressurgir dos corpos  
se eterniza em propriedades. De alguma  
forma o novo sobrepuja a história  
e permanência: antes do tempo.

Saber: na evocação da fala  
o mundo perpassa a glória atribuída  
ao desdito discurso.

Na convocação lutas esvaziam  
particularidades: sobra despeito.  
O despertador não se engana  
em chamadas. A chama perdura  
o combustível. O recurso  
reutiliza sombras em esforço.

Amanhecer: a sabedoria em auroras  
se depara com a obviedade em claras  
palavras de insanidade. Saber é manter  
o espírito ante o corpo: arte e ofício.

A concessão leva ao desperdício.  
A omissão concede ao vício o pecado.  
A travessia reúne pessoas descompromissadas.  
No final do espetáculo aplausos tangenciam  
a trama: o drama  
recomeça.

A ilusão completa o mistério  
na mágica de concluído esforço.

No intervalo pessoas  
se surpreendem no drama  
continuado.

- Falam de amores: enamorados  
desprovidos de salvaguardas.

Nomes dados aos acontecimentos  
tornam dispensáveis  
os atos: afastados em inversões  
o passado se multiplica.

- diz o senhorio ao locatário:  
razões invertem o desgosto  
em cobranças. Necessário esquecer  
amores antes se acabem os controles.

São pessoais desavenças: mortais  
em vicissitudes - o anjo  
a prostituta  
a autoridade  
e o menino.

Quarteto intercalado nos sonhos  
de realidades distintas.

O fragor da batalha iguala  
a solicitude: atrapalha a sobrevivência.

Fazer com que o pecado  
não trace sentidos imaginários

restrito ao conceito  
em sua imponderabilidade:

sobreviver significa permanecer  
algum tempo até que o espaço

esgarce probabilidades: estressado  
no conforto recente o passar  
esmaece a sorte de ir embora  
em lembranças: pecado.

No ensejo o encontro traduzido  
em línguas: estrangeira forma  
da igualdade. Similar estrutura  
ressurgente dos amantes no conluio  
do vento soprado além da porta.

Pela janela assiste a mulher desnudada  
em atributos: olhos cegados. O desejo  
rearruma desculpas sob as vestes.  
Pode dizer: tem medo do controle  
e sob ameaças é perigoso ser  
desconsertado  
desconcertado  
desconcentrado  
desconexo: pode dizer ser elemento  
trazido pela correnteza enquanto a ponte  
retém dejetos  
    projetos  
    projeções do corpo afogado  
    na estação intermediária.



### 3º MOVIMENTO

A morte antecipa o desfecho: não  
sabe o destino traçado pela divindade:  
duvida dos deuses em adeuses: flores  
de corpos decompostos.

O riso é parte do processo.  
A lagrima é ameaça  
de descontrole do espírito  
no corpo em lembrança:  
fotografias abolidas do cotidiano  
interno: a determinação  
pelo esquecimento  
é parte do programa.

Altas horas sinalizam a insônia.  
Amplificam sons irritantes  
de latidos. Pássaros adormecidos  
sonham voos. Homens anoitecidos  
em notícias ressoam. Objetos  
repousam em estantes. A cadeira  
arrastada acorda a casa: a porta  
entreaberta tranca a propriedade.

Não resta em perigo na insignificância  
do ato deduzido em miçangas  
de badulaques: ter a incerteza  
da trajetória na companhia  
inconstante. No sonho  
desentender o efeito pela manhã  
atenuada na culpa pelo não feito.

Ao pregar verdades  
ter em mente a frustração  
pelo pecado impraticável:

na reafirmação a fé conserva a dúvida  
do começo: credita ao medo a semelhança.

O retrospecto incrimina  
tanto quanto  
absolve: o ângulo observado  
determina a inexatidão  
do esforço no ciclo  
incompleto: antes  
se reconheçam as ameaças  
refletem o tempo assistido.

Porque o corpo se abstém do contato.  
Na imensidão do esforço transitam  
ideias desprovidas de habitualidade: hoje  
a proximidade  
se alonga  
ao desejo: refúgio  
dos amantes na torpeza das intenções:  
a intensidade  
do desdouro na noite  
curta em vícios. Hoje o encontro  
desfeito em horas se faz parco.

Dada a distância impertinente  
de quem transita desobediências  
e aquele calado pelos cantos: desunidos  
filhos da pátria incomum.

Sobre dados informados  
ao desautorizado são remetidos detalhes  
da preciosidade elementar dos possuídos  
no grito irreprimível  
doado em sofrimento.

Bem vinda hora das espertezas  
em igualdades  
e desesperos. No prosperar da história  
o movimento invade consequências.

Águas aprofundam diferenças  
em balizas ressurgidas  
das incertezas sobre a mesma  
vida: dívidas pagas  
com palavras murmuradas.

Bendito em silêncios  
conhece na imersão  
a propagação: envolve  
e ultrapassa. Perpassa  
o corpo em divisa  
e divisória na elucidação  
do caos recomeçado em sua estrutura  
primordial. O silêncio obscurece o tema  
ante o desvelo da mãe  
para com o filho enfraquecido.

A incerteza é apenas a diferença  
entre águas passageiras  
na ilusão do refluxo  
sobre a árvore: nem sombra  
nem luz

nem a coragem desejada  
na anterioridade. A certeza  
remete a realidade ao abismo contemplado  
na mesmice das colocações. A menor  
dúvida converte a incerteza em justa causa.

Homenagens rendem  
dividendos: divisões  
exemplificadas em atos de (re)conhecimento.  
Saber da época o louvor na maciez  
dos pés deixados à imagem: mágica

travessia conduz o movimento em sustento.  
Brindes se oferecem em elegias: por aqui  
andam encruzilhadas e bifurcam  
olhares.

O resíduo basta  
por exíguo: até aqui  
se contém  
ao ir em frente. Embora saiba  
da resistência em restos  
de solicitude. O engano contradito  
em acertos  
sente a exiguidade  
da forma.

Intercalado  
ao destino: antes se ofereçam  
oportunas aberturas. Alegrias  
expandem verbos e no oposto

ressoam novidades: parado  
e aparado senso critica  
caminhos: a espécie se perpetua  
em vidas (consideradas  
no extremo da palavra).

Fora do alcance o desejado  
se conforma em sonhos: antes  
da hora a expectativa consome  
ansiedades. O gelo sabe  
do tempo levado ao desgaste.

A vida resulta conceitos  
nem sempre exatos  
nos desconheceres: anima  
a sentença com frases  
enfeitadas. O corpo  
reunido enfeixa  
possibilidades: morre.

O outro independente  
na paisagem  
produz o significado: construção  
embargada  
chora a passagem antecipada  
de algo desprovido  
da constância. Esse você  
em que sou antecipado. Esse  
talvez percebido na incerteza.

O pedido esgota o estoque:  
transfere o bem ao acontecido.

Há o corpo sobre a pista. Morto.  
Há o desespero na insegurança.  
O medo na raiva. A concomitância  
no desejo de que a ultrapassagem  
seja suficiente. O corpo esgotado  
em si é espelho na reflexão  
de que a distâncias não se completa.  
O som embaralha os sentidos.  
Não ver. Não estar.  
Apura a audição no encontro.  
Antes da concepção a vida latente  
entrebrea possibilidades: em qual  
irrealidade somos parceiros?

No interregno se definem gestos  
e gostos. A você desgosta o som  
inimaginável do intelecto  
em busca do formidável.

Tudo o que for  
                  perfeito  
e duradouro permeia o entreato  
na extensão do acordo  
ante o desenlace

desabitado: a doença  
no alongamento do músculo  
em tosses. Certo é o indômito  
no esclerosado. A luz  
                  acessa  
                  a noite

até que o silêncio

resida em frente  
aos olhos: fechados.

A confissão denota indiferença: nem crime  
em castigos justapostos assumem projeções  
de tempos anteriores ao pecado enquanto  
justiça  
justeza  
e justa hipótese a fragmentar  
o som na imanência permanente.



## **MOVIMENTOS CIRCULARES**

Todo horário fixado em detrimento  
do espaço revela incertezas  
toda incerteza reflete certezas indeterminadas  
antes do tempo  
todo tempo recupera algo deixado em descanso  
todo descanso isenta a palavra do discurso  
todo discurso recompõe palavras antes da hora  
toda hora no decorrer do expediente lança  
sobre a pressa sua preguiça  
toda preguiça é bem vinda em situações  
pregressas ao inexistente  
toda inexistência carrega a negação vista  
do alto como paisagem  
toda paisagem tem em si o enxerto das plantas  
e pedras decompostas  
toda decomposição evidencia o que está perdido  
toda perdição consoante aviso tem o laivo da conservação  
toda conservação mediante apuros releva a novidade  
toda novidade ao contrário da espera desperta desejos  
todo desejo enviado ao controle acaba em tragédia  
toda tragédia disfarça a impossibilidade  
da fusão entre homens e deuses  
todo deus raspa olímpos em busca das probabilidades  
toda probabilidade se esgota em resultados  
todo resultado avança metros de desvantagens  
toda desvantagem alavanca perdas e necessidades  
toda necessidade relembra pétreas sinceridades  
toda sinceridade não se faz bela e ousada.



# O SUPORTÁVEL HÁBITO DE ME FAZER AUSENTE



(Arte / Pedro Du Bois / 2017)



Nascido  
nato  
neto de quem não conheço  
rebento a bolsa  
e espalho o líquido  
onde me encerro.

Estou pronto  
na imensidão do pranto.

Sou o choro  
do desaparecimento.

Vindo de todas as partes  
reparto minha inconsciência  
ao alvor dos dias  
amanhecidos

(o pão dormido)

em auras descoloridas.

A chuva lava a terra  
a chuva leva a terra  
a chuva aterra

Desintegrado em glórias  
levadas ao mínimo exigido

ressurjo em lembranças  
- anotações  
e desenhos  
trançadas sobras de diálogos  
extensivos aos contratemplos.

Honro o lugar desocupado  
em desculpas: esfarrapo palavras  
balbuciadas  
ao vento.

Motivo: gritado aos brados  
retumbam ossos  
contra ossos. A antiguidade  
no arbítrio das descobertas.

Fui antes o desnecessário ser  
extinto  
revivido  
em lascas  
e dentes  
e passos endurecidos.

O planeta guarda meus passos  
até que a destruição forneça  
a igualdade desconsiderada.

A história recontada no sexo  
praticado com alarde. Da rua  
ouviram  
gritos de desprazer.

A solidão do corpo  
na entrega: demonstração  
canhestra das repetições.

Autografado o livro receia significados.  
Deixa de ser a obra e se oferece  
na pluralidade mesquinha  
da assinatura. Tempos contratam  
partes ao descarte.

Fui ter com ela. Revisamos  
versos  
reversos  
diversas formas  
de estarmos juntos.

O silêncio nos remeteu  
o desconhecer o corpo  
onde desocupamos  
a parte  
que nos coube.

Concedo ao orgulho a necessidade  
de me fazer ardente: talismã  
organizado  
em ramos.

Romã afrodisíaca  
em cores.

Ser a sorte disposta ao combate  
e me esconder  
em azares. Talismã protegido  
em promessas  
de descumprimentos.

O amor antecipado enlouquece  
a presença e a remete ao medo:  
apelo sentimentos  
sinto  
sento

assusto o corpo  
no contexto  
desenvolto em tela  
diagramada  
ao objeto.

No amor anunciado em letras  
concluídas espacejo  
esqueço  
esclareço a necessidade  
de sondar o infindo  
tempo deslocado.

O termo  
perdão perdura  
no alimento  
oposto ao sexo consentido.

A divindade apiedada  
do fracasso se manifesta:

ária  
de ofertada  
voz a dizer  
contralto  
mistério revelado.

Perdoar: ciente  
do despropósito.  
Renuncio à raiva na visão obstada  
em reconhecimento. Conto degraus  
afamados e enlevo a ignorância  
ao topo do mostuário. Relevo  
minha raiva.

Ostento o sorriso ameaçador  
do pária descompromissado  
em retalhos geográficos.

Na renúncia existo  
vaga onda acinzentada  
na terra destinada.

Devia usufruir o desconforto  
da minha sacada: carros em sentido  
horário desafiam  
o retorno. O pedestre  
aguarda a vez em travessias  
anômalas no estragar  
do trajeto.

O usufruto permite igualar  
a propriedade  
ao uso na difusão  
de direitos aleatórios.

O desconforto se obriga em terrenos  
sutis da realidade: a voz soa pedidos  
de socorro.

Desta vez (aqui e agora)  
tracejei vitórias. Ignorei jantares  
à luz de velas e destinei o gesto  
ao estar onisciente da vaidade.

Agora (nesta hora)  
honro a vitória  
em comedidos abraços  
de agradecimento.

Aqui (agora e desta vez)  
a vitória inebria o espelho  
e a imagem  
contraditória  
ofusca o silêncio.

O dito rasga a imponderabilidade  
do objeto. Descem senhores circunspectos  
do carro enegrecido. O Vazio segue  
o canteiro florido  
em linha reta.

Retilínea forma de estar comigo  
em sensações. Rio da tormenta  
e minha voz avoluma  
sua intensidade.

Dói descobrir na inverdade  
a passagem ao lado composto  
em amizades de nexos findados.

Dói reconhecer envelhecida a imagem  
traduzida em letras amarelecidas.

A dor reparte o grupo em presenças  
e ausentes sentidos de oportunidades.

A dor é vazio  
em reconhecimentos.  
O lado paradoxal  
da viagem. A virgem  
recolhida ao ocaso: na dor  
o passado permanece em obstruídas  
entradas. Estradas apagadas

em passos desconfiados. O vazio  
permanece aceso  
em fogos  
consumidos.

Estar em casa. A nuance da frase  
prevalece sobre a descoberta. Estar  
em casa e se dizer ciente. Estar  
ciente e se manifestar sobre a casa  
inexistente.

Dizem do andarilho ser a extensão  
da casa. A bagagem sobre o ombro.

Lembranças imperceptíveis (sombras)  
presentes em cada passo.  
Relembradas peças desencaixadas  
na fuga. A aceleração  
do corpo.

A outra casa é a primeira imagem  
proibida ao gênero no descanso  
não permitido.

Em setembro amanheço caminhos  
repetidos. Saio da ociosidade consumida  
ao abrigo e me distancio em arroubos  
de primavera. Desfeito o pecado  
demonstra inconsistência: ego  
atraído impensável na treva ornada  
em sonhos opostos ao pólen. O caminho  
feito polêmica: meandros não habitados.

No passar rente ao solo  
amortecido em calçadas  
de gerações posteriores  
sou caminhante  
andante  
andarilho

(caminho a ser rompido  
em criações idealizadas).

Mais não sei. Além da poeira  
nos olhos. Apesar da água  
pelo pescoço. Da corda dependurada  
em árvores. Nada sei.

Minha caminhada é o esforço  
de me saber analfabeto ao todo

desconsiderado em sons  
e continências. O conteúdo  
esgarçado em sinais abstraídos.

A caminhada é desenho apagado  
de olhares na abstrata incerteza  
realizada.

Deixado em aposta não realizada.  
Giz dos riscos no chão emudecido  
de vidas e anseios. No desencontro  
de você inexistente mulher de flor  
em flor.

Em desespero nego o grito  
no pesadelo. Agito  
o efeito da comédia:  
o repasto no prato  
virado ao chão. Reposto  
prato acolhe a sobra e a sombra  
se destaca. Ir aonde me permite  
o desgosto de estar ausente.

Voltar em anunciado convite  
ao convívio. Conviver distâncias.  
Distanciar virtudes. Esvoaçar cores  
arco-irisadas: fragmentado  
espectro de inverdades  
de ilusões  
e erros.

Manter o retorno não possibilitado  
pela impertinência da verdade.

Não percebo: o retorno se apresenta  
afeito ao mistério. Atraído  
soletro gestos. O nadador submerso  
em ares aleatórios das histórias.  
Retorno a conversa inerente  
no descontar o espaço em fuga.  
A constante varredura do que me foi  
depositado como herança e legado  
ao vazio do corpo sedento  
de obrigações e retalhos.

Não retorno: percebo o jogo executado  
em cada vista fechada  
no despropósito do espírito.

Reticentes sons escutados  
em espasmódicos predicados. Metálico  
gesto em surdina ordena a retirada.  
Ouço a surdez progressiva dos espantos.  
Vozes geradas pelo medo. Amedrontado  
reparto sons na gravidade da palavra  
proibida: a permissão se oferece  
no símbolo arbitrário  
do poder emanado.

Ofereço o sorriso ao descortino  
da paisagem. Pássaros calam voos  
e relatam asas quebradas  
em descobertas: a mulher  
de corpo pronto ao contato.

Ofereço o corpo no surdo rancor  
com que expulso mentiras em silêncio.

Quero a asa partida do mistério  
e me oferecer em voo retilíneo  
à mulher aberta pelo contato.

Olho sua vontade: brinca sonhos.  
Minha irrealidade coteja o olhar: prevalecem  
medos amestrados. Para isso fui treinado.  
Otimizo o desconforto no limite do suportável:  
na invenção do olhar reside a solidez das coisas  
desmanchadas. Restam manchas: restos  
intrometidos em conversas fora de hora.

Cessadas as palavras  
resta na estante  
o livro  
em capa lacrada.

Invento desafios com respostas  
permissíveis no acompanhamento  
do cárcere: o livro ignora  
o pedido. Tolhe o texto.

Rebusco palavras oferecidas  
em resgate. O livro titubeia  
o lacre. Arranco o selo  
e na página aberta  
descubro o nada.

Mastigo resoluções tomadas  
em inícios anteriores.

Os seios da mulher  
oferecida  
intumescem  
mamilos.

No alcance a fantasia  
demonstra a inexistência  
da mulher: agarro seu corpo  
no despossuir o faz  
de conta.

Mastigo inícios e revejo  
cenas adversas: seus seios  
respondem  
minhas ilusões.

Moeda jogada à água  
no desconfortável sentido  
do afogamento.

Sente seu corpo bater  
contra o fundo. Permanece  
na distorção da imagem  
cedida ao deus de plantão:  
oferta desconsiderada.

A moeda recolhida da profundidade  
traz a rasa razão da inconsistência.

Quem passa despercebido  
através do espelho sabe  
do castigo concedido  
no esquecimento: suga o insucesso  
na imagem não espelhada.

Espalha inquietudes (farfalha  
a cortina)  
por onde repassam  
 vaidades obscurecidas.

Ausência: esvaziado conteúdo  
permanente em corpo  
descartável. Desobstruídos trajetos  
afivelados: levado ao profano  
trono destituído. O linguajar obscuro  
dos profetas em ira. Esvaziado ser  
a contemplar espaços.

A lâmpada imagética  
acende o ambiente: dá cores  
aos móveis  
imobiliza insetos  
objeta sentidos  
na indecisão da sombra  
distraindo em corpos.

A lâmpada magnífica a terra  
em cores e seres. Ausências  
suportadas em móveis sobrepostos  
desaparecem nos corpos indecisos.

Nada me disseram enquanto menino  
aberto às oportunidades. Fechado  
em crescimentos usufruí do sentido  
oposto aos transeuntes contidos  
em roupas de atrapalhos.

Li sortilégios e rasurei pedras  
capturadas. Amassei insetos  
e apaguei luzes decompostas  
em conversas sem utilidade.

Calei a boca: criança ainda  
sobre futuros espetaculares. Acostumei  
no vazio  
da despensa  
ordenada  
em latas  
fechadas.

Chegado o tempo (destampada  
forma de elencar razões) de crescer  
neguei ao espírito o corpo  
necessário (desmedidos  
amores concebidos antes  
do pecado) e me tracei  
com pés no chão: arrumei  
o emprego capaz de me prender

ao jugo do não conceder  
a graça da detenção

(o destemor no me fazer  
desocupar o centro  
da desatenção).

Envelhecido em família desterrada  
lembrei o verso e me opus (ao novo):

fui continente  
fui istmo  
fui ilha naufragada  
em onda revista  
de praias desacostumadas  
aos pés batendo n'água

a sofreguidão do dia  
intercalado. Sou terra  
jogada contra  
a terra árida  
do concreto.

Visto pelo avesso a roupa  
escolhida pela solenidade: cedo espaço  
ao cantar da hora. Acordo vestido  
no avesso do tempo decorrido. Avesso  
em cansaço peço o espaço concedido  
ao rito. Ritualizo o sono. Esqueço  
o anverso: a travessia se faz relógio  
destemperado em roupas  
não utilizadas.

Não utilizado o espaço  
oxida metais desencontrados:

esvaziados avisos  
circunstanciais em arremedos.

Retorno o pedaço adicionado  
em multiplicadas peças.

O espaço aguarda o passar  
do nada. Artificializo a gravidade  
ao lado: interiorizo o alarme.

Retorno o espaço e o multiplico  
em dimensões ocultadas aos sentidos  
acostumados em ver  
                                ouvir  
                                tocar  
sentir o gosto  
                                amarelado  
das palavras.

Espaço revisitado  
ofereço a vida  
no desconfiar dos números  
encastelados. Catalogo dados  
inconfiáveis: arremesso  
a sorte sobre o verde  
d'água e me confundo em cristais:

o brilho opaco  
da oferta desinteressada.

Carrego a carga. Concentro o peso  
na distância. O alimento  
se destaca em ofertas: a fome  
e a vontade de permanecer  
estátua carcomida em pedras.

Rearrumo o diâmetro. Arco  
retesado na vontade  
de ser presente em ares.

Nada trouxe que possa  
rearrumar o significado.

Antes tivesse rearrumado  
as páginas no sentido  
aplicado pelo senso  
do milagre irrealizado.

Rearrumo o diâmetro exposto  
ao poço. No fundo a água  
irrefletida descansa reflexos.

Significo a vida ao pé da letra:  
ensaiado em dizeres (arrevesados)  
imponho silêncios (constrangidos):  
comunico minha estatura (estátua).

Não me dizer aparente  
significa elencar o rumo  
no desalento de me fazer  
oculto: a face se desconhece  
encontrada como significante.

Signo: ocorrência do fenômeno  
no elemento de alteração  
e desenlace.

Escrevo carta aos próximos  
defensores e os atualizo em história  
de inúmeros versos. Durante  
a controvérsia o esplendor atua  
na mediação: a mediocridade atenta  
ao seguimento estica o cordão.

Escrevo sinônimos  
de tentativa. Esboço o romance  
aberto em alertas. Alarmista  
sem necessidade. Conformado  
em conduzir o disfarce.

Vindo da idiosincrasia na antevisão  
do eremita completos ossos  
arqueológicos no significativo espaço  
decorrido. Antevisto na suavidade  
alinhada em cores despossuídas.

O rio atravessado em terras devolve  
a matéria arrestada em histórias.

Antevejo o propósito e retiro  
com as mãos o limo recoberto.

Revejo a visão anteposta  
ao traduzir a luz aberta  
em labirintos.

Desculpado em dias melhores  
deixo prescrever a pena  
onde cumpro  
isolamentos  
permitidos.

Fecho as portas  
pelo lado  
contrário.

Corro a tranca  
em atravessada forma:

demitido como prescrito  
no boletim de ocorrências.

Libertado pela força do hábito  
avanço terrenos em bombas  
e minas: examinado reconheço  
a prescrição elementar do remédio.

Preso entre ferragens  
oxido ao relento.

Vejo crescerem ervas  
em danificado solo.

Repilo insetos  
pousados na relva.

Prisões se manifestam  
em dores inconsumidas.

Relatos de números  
contados em paredes não diminuem  
a miséria recebida em liberdade.

Apreendo o pouco consumido  
e me sustento em sonhos:

a descrição inexata  
da verdadeira porta  
trancada por dentro.

Ressalto o manifesto assinado  
pelos pares: ímpares representantes  
soltos no adolescente  
período de conclusas  
picuinhas. Erro pontos  
cardeais e me atrevo  
em travessias. Ser  
a casa a rua o bar  
a esquina. Não ser  
a paisagem. Livre sobre destroços  
sinto a paz exterior  
na contenção revolta.

Visito o espaço em sorrisos:

saber do eco  
é conhecer o todo  
iniciado. O sorriso desdenha  
o frio e o calor. Aumenta  
o sentimento oposto ao ciúme.

O sorriso é espaço preparado  
no avanço das tropas  
inimigas. O habitar  
da caverna antes  
da enchente. A anteposição  
da lágrima.

Deixo meu corpo  
sobre seu corpo  
determinado  
na angústia  
da passagem.

Penetro o íntimo receptáculo  
debruçado  
em descobertas.

O corpo preenchido me repele  
na vida em que me repito.

A paixão revisitada  
estende os pulsos  
em aprisionamento. Rememoro  
o quanto quis ficar junto.

Junto nas recordações a semente  
germinada: a paixão me acorda  
na noite não dormida.

O barco singra mares esquecidos  
sangra honras  
desabastece bancos em corais.

Acautela a vista  
e se esconde em vagas.

Esquece o motivo da desilusão  
e afunda águas tipificadas  
em sereias. O barco naufraga  
minha espera e a ancora  
na raridade do encontro.

Construo a maquete com carvão e gesso.  
Reconstruo a casa em lembranças.

(Objetos difusos na essência)

A casa e a maquete convivem  
na esperança de alterar o gesto  
e fazer do desenho concreta obra.

Cartas distribuídas  
em dados lançados.

O prognóstico joga inverdades  
ao alto: a voz anuncia o número.

A agonia em angústia  
rebate a falsidade da anunciação.

O corpo freme descompassos  
decorridos  
decorrentes  
correntes cortam o caminho  
e o corpo estabelece o sentido:

as mãos suam  
frios inconstantes.

Saio: tolho o corpo  
no espaço vão  
da esperança.

Tolhido respiro ares conhecidos:  
inebriado em inações.

Perduro.

O nó apertado  
separa a respiração.

Restante amparo claudicante.

Adjetivo a moldura: tolhido  
corpo aguarda seu espaço.

Retirado em cadafalso  
realizo o sonho  
imediatamente: paramentado  
no rito vozes  
repetem ameaças.

Na escuridão entrego a sorte  
ao carrasco: conduzido entre pares  
impacto os pés no imediato.

Estou. Estive presente  
no necessário descobrir  
da condição estrangeira.

Estranho revestir  
do toque: retorno insignificante:

descubro os olhos  
e nada vejo.

No topo  
a cadeia realimenta  
a base: frases desconexas  
de palavras abandonadas  
pelo tempo (existente).

Perambulo a medianização  
dos fatos. Ingrato rito  
não se repete (duas vezes  
aceno adeuses).

Amo. Quimicamente realizo movimentos.  
Escolho o tema onde tremo a mão  
que aguarda a confirmação do toque.  
Odeio. Minimamente reapresentado  
na ofensa sei da trajetória. Nos pés  
retirados em fugas contemplo  
o nada concretizado.

Castelos e torres:  
nobres dizem sobre plebeus.

Falo da paz entre homens  
sem vontade. Falo de espantalhos.

Sobre a torre o espaço  
mostra o castelo: paz  
anterior à pedra cortada  
traduzida  
e trazida  
ao local exato.

No intervalo em que sou regulamentado  
anseio a liberdade na restrição da regra:

morro dias  
seguidos  
em entretenimentos.

Busco a regularidade  
expansiva dos amores  
e temo a hora  
do retorno. Morro pensar  
na inexistência do ser  
como permanência.

Ando caminhos  
transpostos arcos  
desvinculo pontes  
ondulo viadutos  
referendo ares.

Afasto os móveis  
da sala e me instalo diante  
da tela: viajo pensamentos  
ao inominável  
e me digo ciente  
dos contentamentos.

Ando dimensões ocultas  
em sombras clareadas  
nos dias trespassados.

Indico ao inimigo o canto do pássaro.

Ouçõ o barulho da bala  
conduzir reentrâncias.

Calibre irresoluto  
das condenações.

Espreito o vislumbre  
e me atendo em feições  
entristecidas: ao inimigo  
                              cabe conduzir  
                              o corpo petrificado  
                              das amizades.

Amizades: o esgarçar do conhecimento  
em falhas maiores. Fotografias  
                              e datas de nascimentos.

Cumprimento a ilusão da sombra  
e a sobra no tempo (ilusório)  
me contempla reconhecida.

Na alquimia dos descobrimentos  
o âmago do mistério transposto  
ao imaginável: transmudar o metal  
em organismos materializados.  
Na profundidade a palavra  
ecoa. A poesia resiste ao brilho  
vendido no meio da rua. Anoitece.

O nome amarga o desenrolar dos fatos.  
A fatuidade resguarda o corpo.

Amargo em reticências  
a possibilidade do interior.

Externo: amargo  
                              retraído  
                              em doces  
                              lembranças.

Antônimo nome murmurado  
entre paredes. A liberdade especial  
remove barreiras. Término  
e ocaso:  
resisto em feitos.

O feitio da roupa  
(por acaso)  
demonstra o corpo  
em pesos encontrados.

Ser antigo dono  
e carrasco.

Na inverdade em que reúno palavras  
prendo o suportável  
saber: frases concentradas  
em textos desmerecem  
a ideia natural do todo.

Suporto a exemplificação  
em últimas consequências.

Sequencio a abordagem.  
Por horas alongo sentimentos  
no partir o corpo em rudimentos.

Desnudado  
em hábitos

descubro-me ausente.

Não estive presente na criação  
não inventei a descoberta  
e não me ative ao choro  
pranteado em cadáveres.

Não estar é simbolizar o avanço  
confinado. Aumento a distância  
com que me afasto.



# O ANTI-HERÓI



(Arte / Sani Vidal / Máquina Humana / entalhe em madeira /2013/ Projeto Passo Fundo.)



O anti-herói desafia palavras  
desfaz cotejos  
embrulha o pão  
amanhecido. Refeito entre vírgulas  
circula noites mal adormecidas.

Revida o fato  
direto ao ponto:  
traduz mulheres  
em corpos utilizados.

Não se desobriga do monstro  
e se faz bobo em corte  
irrealizada. O anti-herói  
se oferece ao vidro  
e se despedaça  
em lágrimas de arrependimento.

Pelo pertencer das escolhas  
escala alvos  
imagináveis: decorre em sisos  
a utilidade barateada  
dos empregos calculados  
em riscos. O anti-herói  
se ofende em verbos  
intransitáveis. Patina  
seu próprio barro.

Obedece ao silêncio e inerte  
vê a ultrapassagem do pedestre.  
Passos apressados sobre a pedra  
no desespero de estar acompanhado.

Avaro em descompromisso  
falta  
afasta  
afina o tom  
metálico da chegada.

Rompe na obtusidade  
da idade (o revide) espaçada  
em anos de insalubridade.

O anti-herói se demonstra  
em horas de incansáveis tarefas  
recém-terminadas. O sangue  
da ex-donzela o consome  
em lágrimas arremessadas  
no esvaziar da fatuidade.

Desconsidera o cumprimento  
ao rosto  
na passagem: revela  
o descumprimento do horário.

No tempo recriado em histórias  
descontadas sabe  
a desfaçatez do riso.

Anti-herói destruído em glossários  
olha do terraço a profundidade revelada.

Comentários refletem  
a náusea pelo caso  
indemonstrável: recria a verdade

em voz alta. Apela aos demônios  
em bolsos esvaziados. A luz  
artificializa a razão do descontrole.

Sorve na solidão  
o espaço aberto  
à obediência.

Promete acorrentar a sanha  
devoluta em óbices. Sina  
arremetida em lance livre na oportuna  
menção do derrotado  
corpo. Cede  
sua ambição ao vizinho e se cobre  
no calor. Sua descoberta  
é lenta agonia  
no estertor da alegria  
no interior da alegoria.

Músculos retesados alonga o corpo  
na desproporção minúscula  
do entretenimento.

O anti-herói aflora em sono.  
Martirizado na escuta  
do progresso. Ocupado  
em descobrir eleitos.

No leito de morte  
oferece o corpo  
ao desengano. Soluça  
estertores.  
Revolve o corpo.  
(Sua cruz oferece o mistério).

Grave a voz anuncia a chegada  
da composição provinda de alhures  
    não revelados: anti-herói  
    na convicção do esforço,  
    esforça-se ao máximo  
    pelo resultado. Recua

sua ambição inodora. Ressurge  
travestido no mendigo esquinado.  
Respira o voto colocado em urna.  
O pagamento contempla o rosto  
desprovido de saudade.

Avesso às notas propagadas  
interrompe a prova. Noves fora  
ressoa gritos descaracterizados  
no descalabro da passagem.

Em adjetivos objetados ao ciúme  
erra a saída. Afunda sua estima  
em movimentações imóveis.

Arremessa o corpo sobre a linha  
ao dividir a vida em mortes. Amortece  
o linguajar exposto em desordens.

Discursa verdades nas publicações  
anexas como provas. Desaprova a metáfora  
e confunde o dito pelo não dito. Acredita  
na repetição do bordão esvaziado.

Esvoaça a luz  
e se ausenta  
na claridade.

Traz a clarividência enganadora  
em truques de sobrevivência.

O negócio mal afeito da verdade  
em proclamações de estéreis dissabores.

Ao mestre resta reconhecer o esforço  
na concessão da aprovação mínima.

Outro significado desfeito em sonhos.  
O outono pronunciado no acabamento:  
ter a vergonha  
exposta  
em consequência.

O anti-herói retoma os ponteiros  
do relógio. Super-homem desprovido  
no avanço das situações uniformes.

Tecla.  
Liga.  
Desconecta.

No anti-heroísmo insatisfeito busca  
o ventre materno. Encontra a mudança  
em alterado rosto (renovado). Mães  
se ausentam em desconhecimentos.

Desliga.  
Remove.  
Conecta.

Em cada oportunidade revela o sonho: vozes  
são nuvens na inconsequência da irrealidade.

Sobrevive em mesas repletas de ansiedade.  
O ponto eletrônico destaca a hora da saída.

(Trancado em anteriores: permanece).

Nunca ficou na solidão do acaso.  
Foi bandido quando perseguido. Otário  
no raiar do dia. Socorreu o animal atropelado  
e guiou o cavalo cego.

O anti-herói abdica reinados  
inconclusos; revive sobras  
naturais do planeta.

Ri do retrato desbotado. Liga  
o aparelho e concorda com o produto  
anunciado. Abala a estrutura térrea.  
Cede terreno e transparece  
em reinos conquistados.

Encontrado desfalecido. Recuperado,  
contou sua ignorância sobre o acontecido.  
Negou a violência não presumida. Obliterou  
o verbo desprezado. No ouvido direito  
continha o selo da remessa. No bolso  
não foi encontrado o remetente. Destino  
ignorado: deixado no vão da porta.

Este o relato.

Lava diariamente as roupas que vestirá  
no dia seguinte. Em seguida ao gesto  
de torcer  
bater  
esfregar  
ensaboa a mente com verdades  
irrelevantes. Levanta e vai ao terraço  
observar o vento. Inventa personagens

melhores  
maiores  
desbotados.

A pressão do ar  
grita o heroísmo  
em histórias recontadas.

Alvo em si esconde  
o pagamento do ódio. Confirma  
ao superior a naturalidade  
de não se fazer ouvir.

A prisão onera a rasa tábua  
das repetições. Leis remendam  
o espaço da escolha.

Disse sim  
poderia ter dito  
não.  
Ter calado a escolha  
na permanência ignorada.  
Luzes ofuscam o corpo semicerrado  
em teias. A aranha tece o rumo  
do aproveitamento.

Pegajoso sim  
se faz ouvir: não.

A imprevisão do desconhecido  
faz nascer em glória subjacente  
o herói configurado ao sacrifício:

o corpo estendido  
na transitoriedade  
do espaço.

Arde lembranças  
na anti-chama  
dos pronomes impessoais.

A estátua traduz o carcomido  
tempo inexistente.

Resiste à obviedade da notícia  
envolta em ares progressistas. Regride  
na ulterior refrega. Esfrega  
a mão no corpo desalmado. Arma  
sua arapuça ao pássaro engaiolado.  
A glória escapa entre dedos decepados.  
A ilusão permite o som inaudível  
da profecia.

O rosto impaciente da cigana  
desconhece do futuro a espécie.

Não basta a falta de vontade. A apatia  
adjetivada até a terceira degeneração.  
Melhorias conduzem incertezas:  
ter sido pior anteriormente. Descolorido  
em roupas de serviços emprestados  
dos proprietários se faz invisível  
na multiplicação das tarefas. Ter sido  
a melhoria ignorada em remendos  
apostos sobre a pele.

Objeta no vazio  
o encontro da consistência.

Rememora: a escola  
a aula  
os colegas  
rememora: o emprego  
o trabalho  
rememora: a mulher  
os filhos  
a família  
consiste em se ver diariamente  
diante do espelho em contínuo  
envelhecimento.

Merece a desconsideração  
da medalha arrancada do peito.

Lê as novidades da natalidade  
e se aborrece no esplendor  
dos que se fazem longe.

Alongado em mesmice reafirma  
o pacto infantil da interinidade.

Desconsidera diferenças:  
    meras  
    indiferenças em nortes  
        e mortes.

De estranhas vozes  
reconhece o timbre  
e o sotaque: irmãos  
    em desavenças.

Bate à porta aproximada  
aos olhos. Entreaberta recebe  
o repouso entre dentes.  
Sobre a mesa  
reconhece o jarro  
esvaziado do presente.

Vozes estranham seu silêncio  
e se calam.  
No desespero após o corte  
procura se fixar inverso.

O herói destruído  
independe concertos.

A amplidão esboça  
a lacuna: o mito  
    prevalece  
    na história  
    multiplicada.

Escreve o texto original  
da tragédia e impõe  
ao mito o castigo  
da obriedade: glória.

Adormece noites  
desconsoladas: embebido  
nos fatos revisados.

Desencontro: salvaguarda  
da natureza (ainda) viva.  
O pensamento anseia  
repetições. Mãos  
não sustentam o corpo.  
O copo realimenta o inconstituido  
senso. A razão reflui o momento  
do impropério. O império vagamente  
acontece em sua sorte.

Maldiz o futuro  
incapaz de abarcar o passado.

Pressente em cada dente restante  
a dor do enregelamento da carne.  
Pele e osso: cadavérico ser  
se amontoa como pode: a calçada  
recebe histórias não popularizadas.

(Maldito presente repetido).

A aba do chapéu  
rebordado pedaço  
onde a mão ensaia  
o cumprimento atrasado.

A dama se oferece em sorrisos  
despistados aos transeuntes.

Refuta as acusações e se oferece  
como vítima: o chapéu sobre os olhos  
dispensa comentários.

Diante do panteão  
retira o gesto  
e com desgosto  
relê o verso  
concedido: está vivendo  
a reticência necessária  
na argamassa  
e no bronze da estátua  
espanta o pássaro  
retornado em teimosia.

Poderia atirar a pedra  
com duplo propósito.  
Juiz de si (em falso juízo)  
absolve pecados cometidos  
em fases revividas. No enfado  
recoloca a justificativa esvaziada  
da tormenta: última vez  
em que a lembrança  
abraça o espaço continuado.

Em linha reta atravessa o íntimo retocar  
dos sentidos. Egresso do modo irrecuperável  
se apronta ao sacrifício. Ter estado presente  
no descortino e não ter aguardado o tempo  
inexato do milagre.  
Impregnado em mofados papéis

descreve da história  
o átimo  
o ótimo  
(o despreparo no aprisionar  
a mente).

Conteúdo e consequência  
no rugir da fera  
no ressoar do vento  
no ressurgir da serpente sobre a pedra  
em novas aberturas.

Quando escreverem sobre o todo  
reterão da tolice  
a invenção da ausência.

Negar a permanência  
com que o encontro  
se contrai em gesto  
de esquecimento.

(Sonha a árvore de habitados pássaros  
bicando frutas verdes. Amadurece  
a sensação da insuficiência  
não acontecer. Desistir  
é verbo em feiras populares:  
o pássaro análogo volta à gaiola.

No bico o ramo  
esverdeado  
do elo da corrente).

Atravessa o rio  
da primeira margem  
leva o largo espectro  
dos antepassados

na margem oposta  
deposita  
os corpos  
sob a terra

devolve o barco  
à correnteza  
e o tempo  
o atrasa na obrigação  
insinuada pela lenda.

Elenca razões injustificáveis  
pelo acontecido: a presença  
constante do abrigo aberto  
em ares incandescentes

(o anjo religioso  
dos estamentos).

Olhos semicerrados espia a culpa  
e se diz refém do mistério. Anti-herói  
confessa o inoportuno  
avanço sobre as linhas  
inimigas: a irracionalidade  
das contas sem pagamento.

Ser descansado no nada adquirido  
do mundo não concretizado  
em propriedades: ileso no elenco  
familiar não constituído. Reserva  
do acontecimento em esplendor

dos verdes anos: ultrapassa  
o imaginário e se revê tolhido  
corpo na amurada.

O muro concede ao esforço  
a ingerência na descoberta  
do esvaziado espaço contrário.

Traz na mão  
as flores  
negadas  
ao adultério  
(não sustentaria o olhar  
junto às crianças  
e à mulher)

surpresas enganam  
faces comprometidas  
em falsos risos: o vinco  
preocupado do esteta.

Em cada filho  
se reconhece  
em detalhes  
não percebidos (pelos outros)

está em novas jornadas  
sem arrependimento  
e miséria

(pela sua mulher)

o futuro radioso  
dos dias conseguidos  
em prorrogação: seu é o júnior  
o outro é o filho  
na renovação  
do nome  
despossuído.

Dói estar despreparado  
ao pior por acontecer: acorda  
e olhos entreabertos  
focam a escuridão do quarto.  
Dói ser despreparado  
ao golpe por acontecer: a manhã sonega  
o último sonho.

Não se espelha no mestre  
no contramestre  
no estafeta. Sua vida  
resume o não acontecimento  
das expectativas no riso forçado  
dos pais. Pares desaparecidos  
em votos de boas novas.

Renovado em esperanças  
agradece  
aos deuses: o silêncio  
como resultado.

Reconta  
o futuro (consideração do espaço  
elastecido em horas amortecidas)

sairá do casulo  
e se verá na perdição  
da oportunidade (condição espúria  
da antessala: anverso do retorno  
ao quarto)

secas mãos empurrarão a dúvida  
ao atropelo. A voz dirá verdade,  
o corpo enquadrará a porta  
ainda fechada.

O elemento intraduzível  
na repetição do texto: palavras  
desgastadas em promessas  
inalcançáveis. A graça do inacabado  
em extensas flâmulas.

Toma da palavra o prefixo  
e o desmonta em significados.

Reaver a calma das águas  
passadas exige do interlocutor  
o saber desacompanhado.

Ao herói sobra horas solitárias:  
na antítese reside a solidariedade  
(entre mediocridades).

Luzes apagadas mimetizam  
o corpo ao ambiente: igualam  
os opostos e fazem ressurgir  
a demência em gestos de grandeza:

materializam o medo  
dos descobrimentos.

(Fecha os olhos em luzes  
interiores e sua visão alcança  
o limite da horizontalidade).

Igualado no espaço  
fecunda o corpo  
com palavras de carícia.

(Abre os olhos no desconsolo  
da solidão).

Crença: no caminho escolhido  
para a jornada dispensa  
a necessidade da aposta.

Posto em sossego refaz  
diariamente o objeto  
do cotejo.

Crê na salvação do corpo  
e na revelação do espírito.

(Por isso se aguarda em futuros).

Poderia estar drogado: droga de vida  
bêbado da líquida vida  
preso na libertada vida  
atento em suave vida

prefere a segurança com que é explorado  
e se comporta além das expectativas.

Quando sua mãe vaticinou a incompreensão  
do ato ainda não praticado

soube  
o traço  
necessário  
no arrependimento  
carrega a culpa milenar do crime  
a ser cometido no adequado:  
o deslizar  
da mão  
sobre os seios.

A humanidade em desenvolvimento  
ressoa palavras bibliográficas  
de castigos e remorsos.

O rio espaça suas águas  
em descobertos leitos  
arenosos: os pés  
presos  
no fundo  
inibem  
esforços.

O rio navega o contrário do começo  
e a vida refluí barcos naufragados:

arremete o corpo  
no costume  
de mentir  
estar realizado.

Ao redor da mesa explícita  
dúvidas domingueiras. Acoberta  
planos de fuga e chora algemas  
transpondo punhos.

Está preso em si e seu corpo  
inercial oferece a resistência  
ocasional do sonho.

Desperta na hora do jogo  
assistido entre conversas  
de passadas semanas.

Identifica no cão adquirido  
por quase nada o tempo  
anterior ao desengano:

o cão corre no piso  
desliza suas patas  
ao encontro do móvel

identifica no ganido  
do cão contra o móvel  
o choro sentido  
da conformidade.

Por isso (imponderável)  
foi assaltado  
ao saltar  
do ônibus

movimento inevitável  
no choque primitivo  
entre o agora  
e o distante.

O dinheiro roubado faltou  
no fim de semana das crianças

chorosas pelos cantos.

No domingo acordou  
mais tarde: pouco antes  
do almoço.

Dormia  
com as luzes  
apagadas.

Devia dormir  
o sono ajustado.

Devia estar imóvel na cama.

Devia arrumar razões  
para estar acordado  
a olhar o nada  
através da janela  
entreberta.

Remove a fotografia – engaveta o passado –  
e se distancia do dia começado: hábil  
em fazeres desconserta o encontro: reúne  
seus pertences e se afasta. A mesa estática  
sobreposta em sentimentos revolve  
as entranhas.

Estranha o tempo inexistente  
em liberalidades. O passado  
engavetado ressurge  
descortinado.

A vista retorna  
luzes artificializadas  
do progresso: o amor  
e o ódio  
se fazem  
ausentes.

Distendido em corpo sem agilidade  
sente o frêmito: o corpo reafirma  
sua virilidade. O sexo  
desconta o animal  
no homem. Rendido  
ao capricho. Gosta.

Sente dores. Sente as cores  
fosse o arco-íris imediato  
aos olhos. Ressentido  
o corpo  
se apoia  
no colchão barato.

O cheiro da carne consumida  
em olhos impávidos: fome saciada  
por horas  
de sobrevivência.

Vida declarada em órgãos públicos.  
O recibo esconde em números  
o fracasso. A assinatura tangencia  
o ânimo.

Desanimado senta  
em frente: tolo sentimento. Sonhos  
amanhecem em nuvens carregadas.  
O despertador anuncia a hora  
da retomada.

Tem na imprecisão  
a idolatria: a história de homens  
afastados em si mesmos.

A dor da glória  
conquistada. A dor  
do instante conflagrado.  
A dor da decisão  
imediate.

A tela ilumina alterações possibilitadas  
ao corpo inerte. O lusco-fusco destina  
o cérebro à inércia.

O ídolo transita cinzenta  
massa amortecida  
da imprecisa realidade.

Com a naturalidade inerente  
compreende seu atraso

(a desculpa na ponta  
da língua)

e se diz infenso  
aos problemas: atrasar

é desculpa e ofertório: o lado  
arremessado ao centro indica  
o local do crime  
(morde a língua e engole  
o sangue latejado).

No telefone expande a voz  
em ilimitado desconhecimento:

tornado amante infiel  
companheiro astuto  
árbitro do juízo  
amargurada presença

conta em anonimato suas incertezas  
e repousa prazeres inconclusos  
de luminosas noites não acontecidas.

Sua voz é refluxo continuado  
da esperança: sóbrias razões  
de imaturidade.

Vai até o portão: para nada.

A rua esvaziada impaciente  
o espírito. A solidão transita  
esperas não renovadas.

Fecha o cadeado com o cuidado  
necessário ao ato e seduzido  
pelo aprisionamento sorri  
o esgar atarantado da surpresa.

No amanhecer trará a chave  
ao duplo sentido da insanidade.

Sobre a repetição alega o dolo  
na extrema função de ser o mesmo  
pelo espaço onde vaga  
sua luta:

repete a sina  
repete o sino  
repete o sim (não repete  
a negativa  
e a ilusão).

Dos livros retira o escopo do dia  
em terminações: o antagonismo  
nas reticências. A luta entre o dia corrente

e o expediente  
de deixar para depois.

O texto reescrito supera a força  
do desejo. Não se mostra  
na configuração do atraso.

Anátema

lançado sobre brasas extintas.  
Da leitura remete as cinzas da ideologia  
no recurso com que o profeta se alimenta  
em letras. O dia termina em harmonia: gira  
a inconstância de ficar à margem do processo.

Refeito em ódio passageiro  
retorna ao convívio: a sala  
escurecida dos projetos oferece  
a janela em paisagem. Fita  
as pessoas: reflete no vidro  
a luz dos carros. Reorganiza sinais  
transitórios não percebidos  
como verdades: anoitece a mão  
na guarda da cadeira: resguarda  
o corpo no espaço ofertado em dádiva.

Reaprende o ódio  
momentâneo  
da escapada  
e retorna ao seio  
da família.

Emudece a sina contida  
no sorriso entristecido

da indecisão. Aprimorará  
o inconstituido no extremo  
gesto da despedida.

Ser oferecido à vida recorda a morte evitada  
em insucessos. Na mão a arma perde o contorno  
e o espectro se insurge ao cumprimento.

Diz boa noite como diria bom dia. Insignificantes  
palavras sem sentido e horários rerepresentados  
no espaço percorrido. Não há maldade no que diz.  
A intemperança é a marca registrada ao alcance  
do destino. Na morte vive favores dispensados.

A água tratada reacende  
a sede da potabilidade.

Salobra em líquido  
ressecado afoga  
a desilusão  
em madrugadas.  
Deita o corpo à pedra  
e dói o espírito enregelado.  
A água conforta  
a submersão do gesto.

Salobra em líquido  
inercial das margens  
empoça  
o pouco  
conduzido.

Empresta sua força  
em saída anônima  
e a água enfraquece  
o passo. Desafoga  
a possibilidade de o estio  
renascer na ideia  
de ir embora.

Dizimado em sagradas  
famílias ora sua esperança.

Derrama bênçãos  
sobre o cálice.  
Sua cabeça  
repete a ânsia  
do encontro.

A dúvida recorrente da história,  
onde criado no alento do fogo  
se resguarda em águas  
onde se afoga.

Dizimado em igrejas  
protege sua fé  
ao pé da árvore  
consagrada: fruto  
ainda verde.

Sonha o futuro: espalha verdades  
sobre a terra. Árida e estéril colhe  
secos frutos. A realidade inconstante  
dos atos praticados. O sono  
esvaziado se apresenta.

Alvo e ataque sonha conduzir  
a lança ao corpo inimigo.  
Como se a morte esterilizasse  
o dia marcado para o encontro.

Alvo e destaque conhece do tiro  
a trajetória da flecha o sibilar  
do ar contra o esforço.

Repõe o arco às costas  
e deixa a pedra escapular  
da mão contra o alvo.

Do término guarda a lembrança senil  
do choque e o esmaecer da saudade  
contra a porta fechada. Quando acorda  
colhe na exceção a regra distribuída  
no encosto. O arrefecer do jugo  
produz a ideia ilusória da liberdade.  
A troca do poder entre iguais: nada.  
Você permanece.

Desmonta a obra,  
Nas mãos  
a tela  
(rabiscada  
em céus anilados  
moças transitórias,  
na beleza inexistente  
da paisagem)  
quebra o bastidor

destrói a moldura  
sobre a tela  
nada sobra.

Ao chegar o momento  
- juventude percorrida -  
não sustenta o choro  
e o riso o atormenta.

Adulta figura  
igualada em sentimentos  
sabe do afogar em lágrimas

(a criança emite sons  
de reconhecimento)

envelhece sobreposto ao preço  
e se desconhece em resultados  
inversos à sua capacidade

(a criança transforma sons  
em palavras balbuciadas).

O prêmio adicionado em finais  
de semanas e feriados. A hospedagem

e o traslado. A terra em fogo  
dança sobre as águas.

Ganhador do espaço  
externa no fogo  
a indecisão do reinado.

Príncipe de poucos dias remete  
o sonho pela janela: entreaberta  
forma de longe antever  
o incerto pelo lado interno.

Ordinária maneira  
de se dizer escravo  
da palavra. Ditar a carta,  
letra por letra soletrando  
a sorte não havida por dever  
de ser forte na rouquidão da sorte.

A madrasta se oferece  
em sacrifício e o bastardo  
desentendido em ares  
naufrega.

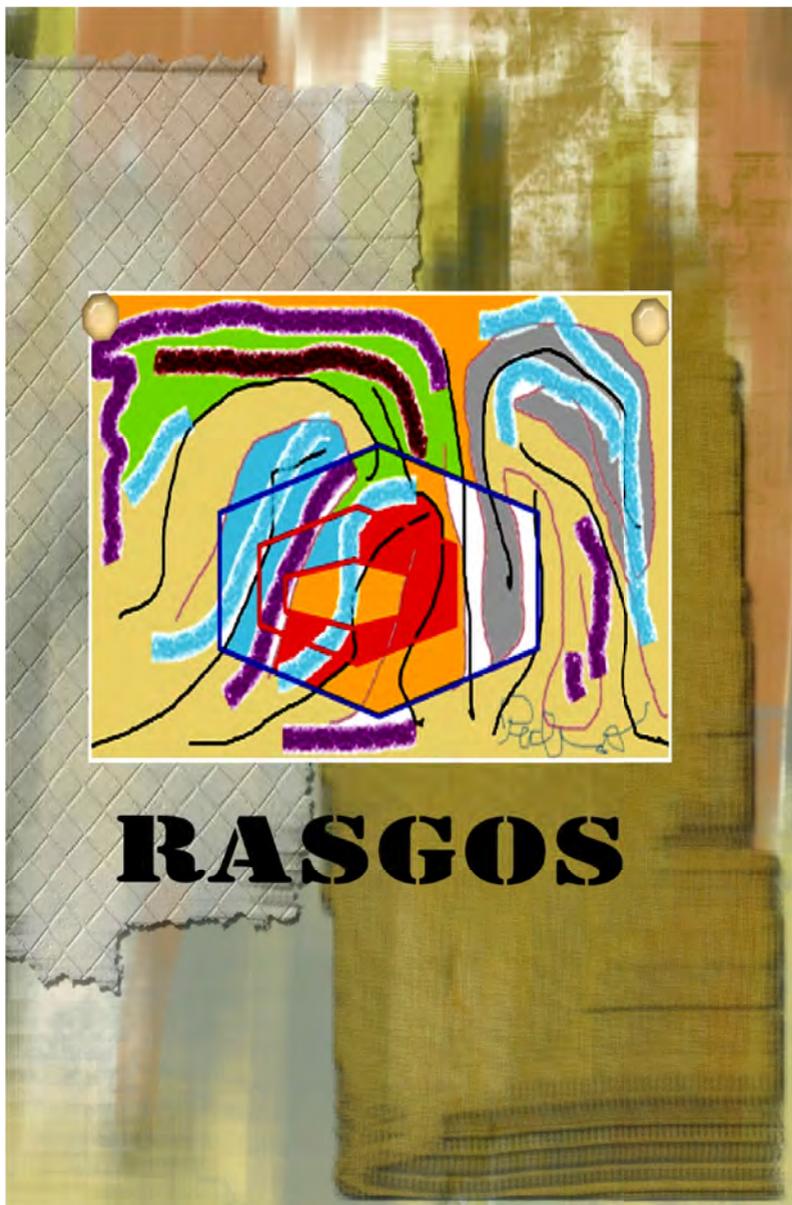
A maneira ordenada  
do esforço acorrenta  
dores pelo corpo. Vivo,  
transparece na estranha  
contenção do gosto.

A você é negado o espaço  
vago dos términos: repete  
indefinidamente o canto. Reconta.  
Reafirma sua dependência no ócio  
desproporcionado. Memorizado  
ao extremo sente o calor  
o frio  
a indiferença  
com que a morte  
nega o encontro.

O amor referenda o encontro  
isolado em ileso corpo.

Talvez os dias anteriores  
tenham sido a espera. Agora  
é o reinício do trajeto  
na inconclusão do tempo.





(Arte / Pedro Du Bois / 2017)



Incerteza: grito.  
Medo inerente.  
Frente na calçada: escolha.  
Nem sempre o situado permanece. A orientação  
paterna na falta de espaço. O oráculo permanece  
na dubiedade: metáfora desaforada: choro  
e raiva.  
Ontem a porta fechada em diatribes.  
Na repetição a história desfalece inverdades  
e ressurgem donatárias. O espelho relata  
rugas  
rugas  
rasgos de seda.  
Campainha.

A campainha desespera quem ninguém aguarda.  
Ou espera. Em desespero lembra o adjetivar  
da pedra no enfoque da construção  
anterior. O gozo se perpetua.

Visões distintas: astros e trovões.  
Seres diminutos aumentam consequentes  
medos. Medrar atravessa a ingloria  
fase dos imprevistos. Nenhum de nós  
sabe dizer da hora apropriada.

A certeza ilude: o futuro dispensa  
condicionantes afirmativas de saciedade.  
Melhor amar o esplendor no encontro  
desfeito em lágrimas. Deixar a imponência  
se assoberbar das coisas no limite  
da lei. Incendiar o verbo em conjugações  
possíveis do desfecho.

Senhoras se colocam em guarda.  
Senhores se guardam.  
A criança espera.  
A atitude do corpo sobre o corpo  
desfaz em rito a espiritualidade.

O exercício predispõe  
a perda na composição.

Antes: juntar afazeres em orquídeas  
no enganar espíritos começados.

O predisposto exerce fascínio.  
O composto revela ganhos de família.

Durante: verbalizar pedidos de socorro  
antes atendam deuses despreparados.

Depois são revistos hábitos regulares  
para subjugar a fera em desperdício  
na desorientação do que foi recomposto.

O recomposto denota fadiga: romanos  
transitaram mundos  
conhecidos a perder  
de vista: remarcaram glórias  
ao se contentar  
com histórias. Explicações  
vivenciam aprendizados  
em pátios enlameados.

Mal sabem sobre a concretude.  
Nada sabem da concretização.  
Apenas desconfiam inverdades.

Inverdades: ruínas decompostas  
em sucatas vendidas por quilo.

A cidade sofre partidas: lamentos  
sussurros  
gritos  
poucas palavras  
que o desprezo gesta  
no infortúnio a mise-en-scène  
da tragédia: saber-se imóvel  
solidão. Antes solícita.

Na solicitude guardam canivetes e armas  
engrossam calibres. Colibris dizia a avó  
ao menino despido das circunstâncias.

O planeta gira desconcertação  
no pássaro: flores despetalam  
vidas em renúncias.

A denúncia traumatiza.  
Canivetes utilizados em recortes:  
impressiona árvores  
derrubadas em progresso.

O progresso prescinde ocorrências.  
No desaguar renascem esperanças.

Leitor atento guarda gatos  
de Lisboa entre cobertas requentadas.

A leitura do poema é sucessão  
e engodo: crítica exacerbada

em vontades disparatadas: qualquer  
oportunidade desencontra poetas  
em leitores: desmoraliza  
costumes avançados  
em regras desacostumadas.

Desacostumado em histórias  
recria números: mede  
e traça.

Repete contextos em metades  
na metáfora recriada  
de seres indizível: o amor desigual  
propriedades. Funde contextualizadas  
reinvenções onde se socorrem abutres.

Desde criança ouve falar  
de abutres em sobrevoos  
nos campos de batalha:

o estampido ecoa  
serventia.

Serventia: saber da torneira entreaberta  
à água. Sobre o corpo fazer repouso  
ao inseto. No esclarecimento adicionar  
dúvidas. Ao escurecer relembrar palavras  
recomendadas em textos: não dormir  
antes  
se apaguem  
as luzes. O interesse permanece sob  
cobertores em estratégias: o som  
ilude inovações.

Decodificar a razão permite  
passar com poucos danos.

Danos em entorpecimento dos sentidos  
na sinalização da crise aproximada  
em réguas e regras. Tarde para novos  
aprendizados. Carga horária desfeita  
em solicitudes. A vontade contempla  
lados desprovidos em ângulos.

Esquemas traduzidos em poucas  
palavras na formalidade correlata.

A fortuna traz no berço  
navegada espuma: crítica paisagem  
em defesa. A inutilidade justaposta  
em ordens de serviço na ociosidade  
ocorrida em berços. Tardes  
em encantamentos de pratos  
e copos. A languidez do escopo  
ante a porta sempre que a hora  
se faz apressada.

Pressa: todos os anos em que.

Do nascimento à morte: visgo  
visco  
ranço. O desdizer  
embrulhado em estômagos distendidos.  
Sucos processam o caminho. Antes  
de mais nada  
revolver  
a terra até a pedra: a semente permite  
o instante da espera. Escolha.

Espera reencontrar o esboço  
do desenho repensado em tintas  
na exigência das rasuras.

Antevésperas são delicadezas expostas  
em reconhecimentos e escolhas. Desperta  
a primeira impressão na prova  
desmedida do esforço. Nem sempre  
olhos permitem aberturas: oportunidades  
concedidas em ventos de chuvas  
benfazejas.

Relevar os objetos ao transverso  
do infortúnio pode ser o exagero.

No exagero a disposição do obstáculo.  
Acender o fogo dispõe a comida  
em utensílios. Talhar o leite.

Ante a vitrina olhos localizam desejos  
de necessárias inutilidades: o vinho  
reflete imposturas.

O leite retalha ofertas: anos  
em mudanças acomodadas.

Acomodado em glórias  
recebe dias seguintes  
em novas colocações. O noturno  
voo do despertar se coaduna  
em desinteresses: raízes  
rasgam espaços ao se alimentarem  
de ares transversos.

Choques elencam impropriedades  
do corpo no relento. Sabem  
possibilidades: desacordam  
interesses desdobrados  
em amanheceres.

O amanhecido consome o restante  
da madrugada: elementar discurso  
diversificado em imprudência.  
A mulher saliente entre escadas  
conhece o trajeto desprezado  
na infidelidade. Antes acordem  
os filhos derrama sobre o corpo  
a água trazida pelo milagre.

Miraculosa palavra alenta possibilidades.  
Hoje são demoradas marcações.  
Vírgulas separam mesmas ideias  
explicitadas em outras palavras.

O personagem historia agressões  
entre espécies renovadas. Hoje  
é o dia antecedente ao dilúvio:

roupa lavada  
em casa.

Casa: sempre que chove sobre o mar:  
trajeto e percurso: lembro marinheiros  
estafados em permanência. Posso  
fechar as janelas e cerrar cortinas.

Reencontrar na vidraça a imagem  
da natureza indiferente ao medo.

Marinheiros pensam janelas  
fechadas em vigias entreabertas:

movimentam os corpos  
ao contrário da minha imobilidade.

O imóvel se presta no contexto: joga  
palavras em alimentados esforços  
de convencimento. Gesticular  
demove esperanças. Recorta  
no infinito a presença de quem foi  
longe e retorna além dos sonhos.  
Ordens desprestigiam movimentos  
contestatórios no alvoroço  
substituído em dizeres.

Na contrariedade é preciso manifestar  
estranheza pelo desprazer consumido  
na mobilidade. Por isso  
os aplausos.

Aplaudo a evidência rerepresentada  
em palcos. Nenhuma morte consequente  
desentranha amores.

A plateia reconhece nos espectadores  
a desigualdade: riso e choro nervoso  
de quem presta  
homenagem ao medo.

O homenageado residual da vaidade.  
Conhece na efemeridade o espaço.  
Oferece saudações agradecidas.

Reencontra motivos em empáticas  
situações de salvaguarda. Exige  
a especialidade edificante: a homenagem  
repõe concretos esforços. Fosse a mulher  
premiada na declaração do amor  
eternizado saberia na plateia  
os serviços entre a convicção  
e o tanto aguardado.

Espera: o que for refeito antes do tempo  
e o que for repostado em termos. Inações  
perduram ante a finitude: flores  
em corolas que insetos  
transitam inocências. Saciar a fome  
atormenta. Em quem confiar é engodo  
em alto-falantes. Calar é impróprio  
a quem se sujeita.

Sujeição do corpo ao espírito.  
Ressurreição do espírito no corpo.  
Imanência e procedência: o juízo  
exacerba os dias em desencantos.

Não há reciprocidade  
no interesse: subjugado  
em versões o ato se deteriora  
nas lendas recontadas  
em modificações  
imperceptíveis.

Imperceptível: mulher transfigurada  
em sombras contempla o poente.

Envelhece sentimentos desacomodados.

O barulho compassado com que alguém  
perde seu tempo  
em batimentos. Pregos  
                  estacas  
                  o corte. Olhos cortejam  
músicas lentas: o corpo despedido  
no alvoroço retorna em calma.

A calma das águas revista na distância.  
Lembrar ondas em praias desprovidas  
                  de necessidade: verões  
                  aconselham prazeres. Mãos recolhem  
                  conchas abandonadas. O som  
refluído  
no espaço. Procurar no mar a interioridade  
desgastada em mensagens  
                  engarrafadas: sem destino  
                  correntes passeiam histórias.

O histórico determina o futuro: fruto  
decorrido no aprendizado: notas  
                  anotações  
                  conotações  
                  contatos. Línguas  
estrangeiras deduzem possibilidades  
de reencontros. A noite acorda  
matérias. O segmento rememora  
acréscimos. O estertor oportuniza  
a finalidade na formalidade.

A formalidade presencia o desenlace:  
esteja o personagem  
junto ao corpo: o invólucro  
sobrevive momentos esvaídos  
em certezas: no antecedente  
o crime se oferece à vítima  
na descontinuidade.

O descontínuo oferecimento é lâmina  
sem fio no entrechoque  
com a mão: a brabeza descortinada  
em fúria  
no lamento  
de quem se diz insustentável.

Ninguém oferece além da possível  
identificação (como escopo). No limiar  
do prosseguir estancam rios fluídos  
na obviedade do entorno.

O pote entornado perde substância:  
inconteste reviravolta – roda gigante –  
reduz o imprevisto em susto. Assunto  
para dias de semana: o silêncio  
guarda a casa  
ante o segredo  
relevado  
em paradoxo.

Paradoxalmente o pensamento encaminha  
o dilema: em bifurcações residem dúvidas  
optativas. Não conhece na prerrogativa

a certeza. Parar de ensaiar  
passos dançantes: chuva  
e chamamento.

Apelar ao instinto do animal  
que o habita: refestelado em deuses  
lança dados infindos na perspectiva  
da escolha ante o firmamento.

Firme determinação. Nem ao oculto  
cabe o esconderijo. O gesto denuncia  
o prenúncio do acontecido:

a margem assiste o barco  
em largo desencontro. Pratica  
ondas em alternância.

A determinação no compromisso  
com o contexto. O anúncio convida  
a memória ao esquecimento.

Não esquecer o passo ante o pé.  
Não demonstrar piedade  
e fé. Finalizar a fidelidade  
em acorrentado desalento.

Ter na natureza a resposta  
da desculpa: no banho  
lavar o esforço integral  
e impuro. Do que está escrito  
rasurar parágrafos e alterar constâncias.

## 2ª. Parte



Inconstante.

Quiproquó. O jagunço desce a escada  
e responde sobre a vista. Nada diz  
do pássaro em largo voo. Nem  
da desdita creditada ao desprazer  
da paisagem. Agreste.

Caminhões circulam mercadorias  
em mãos habilitadas ao desconforto.  
O erro consiste em se apropriar dos sonhos  
na realidade desprovida. Algumas palavras  
discorrem inconstâncias. Outras  
se contentam com significados.

O significante abraço decomposto em tépidas  
mãos que se afagam. Circundam dimensões  
sobrepostas em infinidades. O fortuito desliza  
paredes inexatas: inexistem concretudes.

O poder anistia crimes devolvidos  
ao início do acontecimento: ódio  
e horror. Salvaguardas  
agem em águas  
revolvidas no desperdício  
de vidas em feriados.

(O trabalho contempla seres na sobrevida  
em recato: o recado consubstancia  
paradeiro e porte).

Porta-retratos: descoloridas figuras escutam  
o amarfanhado. O observador tem sobre si  
os olhos desconhecidos do transeunte. Seu medo  
reconhece na falta de interesse

o espaço apropriado  
ao engano. Sonhar inverdades  
ajuda a compreender a frustração  
no acordar e olhar na cômoda  
o retrato: amorosa forma  
antepassada.

Anteposto ao crime: para antes da ação  
simulada em acessos de informalidade. O desgosto  
recomposto no estardalhaço do estampido:  
reescrever passos ao descrever o passado  
em desalento. O crime desassistido perdura  
no pensamento até esquecer a vítima  
substituída no escassear da amplitude.

Ampliar o alcance em que olhos  
demonstram medo: assoberbar  
o desinteresse no limite da apatia

depois:

regredir o esboço ao traço.

Em cada estágio desdobrar impossibilidades  
até fechar  
a porta: completar o ciclo antevisto  
pelo profeta. Ser livre.

A liberdade consiste palavras: o exercício  
do voto  
na disposição  
para sair de casa. O esquecimento da época  
em que a disposição dos móveis tolhia

passagens. O animal domesticado repousa  
aos pés do dono em indefeso gesto de repulsa.

Repulsivo: o homem atraca o barco  
destacado no cais. O sonho renitente  
da partida fende amarras. Seus passos  
o levam ao encontro do primeiro gole  
em terra: o corpo sente a aspereza  
do caminho. A repulsa se faz ciente  
da possibilidade. Olha o barco ancorado  
na segurança  
do retorno: a segura da garganta impede  
o comprometimento: embarca.

A embarcação é sonho despossuído.  
A roupa empobrecida contém o corpo:

esqueleto errático  
de quem se debruça  
em mistério no caminho  
irrelevante do destino.

Sua a desimportância da chegada.  
Na muralha se destacam flores.

O passo aprofunda o sentido  
esvaziado em cada chegada.  
A flor impactada  
atrás da orelha.

A orelha contém o brinco. O anel orna  
o dedo. O cordão expõe o colo. A corrente  
aventa o braço. O diário exposto  
ao contratempo:

histórias contadas com furtivas palavras  
e muito riso: lorotas de quem lembra fatos  
piores. Pés deslizam chinelos pela casa.

Óculos dependurado sobre o peito.  
A luz desengana a espreita: dorme.

Dormir estabelece o corpo em desespero.

Furta a realidade apreendida em sonho  
na desnecessidade: livre o passado engana  
o espaço estabelecido além. Ninguém oferece  
contrapesos. A oferta da disposição se altera  
na mesma cena. Ontem esteve adiante da verdade  
e nada trouxe de novidade: acordar a significância  
decorrida entre o medo  
e a realidade.

Livre em compromissos diz da desunião  
o pouco suportado: quer regras duradouras  
todas as horas. A simplicidade ordenada  
todos os dias. A repetição afeita em vazios.  
O circunlóquio obrigado no retrato.

O discurso traduz necessidades.  
A repetição cala e consente.  
A ausência não se faz anotada.  
Anota: a repulsa envolve o objetivo.

Não é seu o retorno. Exigem  
o progresso exercício. Saltimbancos  
em palavras dúbias.

O divertido jogo nos entre tantos  
sorrisos. A anterioridade requer  
a seriedade do mosquito  
ante a teia: o desconforto  
aprisiona a mente.

A mentira satisfaz o ofício.

O oficial generaliza táticas  
na simplicidade com que a esposa  
revida ao golpe: batalhas exigem  
comportamentos estanques  
entre as partes.

O menor poema produz  
esforços descompensados:  
oficialmente entregue  
ao prisioneiro a ideia  
toma assento em parte.  
Onde adormece.

### 3ª. Parte



Adormecido: propositadamente efêmero.  
Antes a perenidade o mantém acordado.

Como eternizar se nem  
ao menos  
sabe o caminho  
de volta.

A perdição reside hesitações: a profissão  
atemoriza o teor da confissão.

A confissão atua na puberdade  
ao frear o carro desabalado.  
Confessar é parte da igualdade.

Remorso transformado em troféu  
concedido ao corpo: nem sempre  
repousam orações. Sonha limbos.

O limbo situa o espaço na perdição  
ainda vívida  
e a morte  
sem redenção. Como ensinaram antes  
pudesse argumentar cálculos desprovidos  
de ingenuidade. Ainda bem que não houve  
ameaça com as distâncias desproporcionais  
ao crime inconstitucional. Até hoje desconforta  
falar de problemas correlatos  
ao escritor passageiro.

Passa horas esperando. Não se cansa  
na inatividade. Sabe o resultado.

Recomeça: escreve poucas  
palavras na concentração  
do último parágrafo.

O perigo emerge sombras  
no apagar das luzes.

Espera durante horas: às vezes  
acontece.

O acontecido dói na lembrança  
recontada como história. A transformação  
em lenda  
exige concordância: irrelevante pensar  
em confabular variáveis. O desinteresse  
gera a redundância com que se repetem

inícios de bifurcadas áreas. Melhor  
acondicionar o enredo em saco  
plástico: fosse evidência.

Evidencia meia dúzia de vidas.  
Disfarça. Enverga bigode e costeletas.  
Deixa o chapéu sobre a mesa.  
Alguém alcança a bengala.

Gosta de se fazer sadio: cabelos  
curtos representam sanidade.

Na carteira evita carregar certezas:  
simplifica o caminho de casa.

O acaso trouxe o desencontro. Filmes  
repassado no fim da noite. Na madrugada  
o sono dorme ao lado: cobertos abraços.

Oferece a possibilidade  
de se ver insone  
no espelho: além  
de adormecido em sonhos  
que não frequenta. Amanhece  
cansaços diários: o café  
reconforta o beijo roubado  
na xícara fria.

O resfriado o faz refém da humildade. Espirra  
desculpas controladas: muito obrigado.

Alguém cuida da saúde.  
O alvorecer encontra assobios.  
Sabe que a doença avança obrigações  
e o termômetro desmente negativas:

repousa finas compressas  
dispostas ao tempo: amanhã  
o pensamento o reconduzirá  
pelo estado primitivo.

A primeira vez foi o bastante.  
Não repetir a refrega: apanhar o suficiente  
para se saber inócuo em descabros.

O sofrimento acompanha  
mentiras  
que piedoso  
espelha: pés descansam sinais

transitados em terras apreendidas  
fossem suas. Ainda  
desgosta da forma simpática  
no acolhimento: preferia ter  
sido jogado fora.

Afora isso tem o tempo do mundo:  
participa do plágio ao reduzir alguns  
dias em terremotos.

Pedras sobre pedras idealizam  
que a infâmia permaneça  
limitada. O oferecimento  
de nova vida aviva a brasa  
(desfaz o barro) consentânea.

Habita a história em seu delírio.

Delirar contorna subserviências: além  
da febre existe o instantâneo falado  
pelos desprovidos da constância. Por vezes  
emudece vaidades. Algumas sensações  
de olvido.

Tem consciência de haver rompido  
dimensões diversas das oferecidas: nelas  
se sustenta enquanto hóspede  
no corpo socorrido.

Socorrido em leituras amenas.  
Menos páginas. Letras graúdas.

O sorriso da donzela na fotografia.  
O trabalho maquia o rosto  
despercebido em casa.

O erro atravessa o capítulo. Antes da última matéria repara a propaganda do carro elevado em suspiros: delícia imaginar oficinas com manutenções não programadas.

A programação remonta falsidades:  
vontade aquecida  
entre paredes  
na imensidão espacial  
desperdiçada ao juízo: conserva a felicidade durante o embate. Sorri esperanças de se fazer idoso no tempo conservado.

A conservação do corpo exige na disputa o sangue esvaído em acidentes.

Bandagens e torniquetes.

A preservação do espaço no entretanto do espírito: dimensão fechada em entremeios e medos.

No amedrontamento imposto em circunstâncias a omissão permite ao pecado o trabalho usual dos complementos. Antes e depois a seriedade conjuga esforços: não se alimenta

em conjeturas. Inutilizado o oráculo se acostuma na impressão da sorte. Em reforço oferece desdouro:

entrar em contato com a linguagem usual da totalidade.

Total: resumido em cálculos  
a vingança deposita aperturas.  
Não se oferece. Opções regras.  
Desfigura.

O surrealismo desconta  
a realidade no paradoxo: insetos  
revoam telas em ironias. Vingar  
a impropriedade desprezada  
no agouro:

O pássaro obscurece  
nos mesmos lugares.

No avesso servem forças. Música  
e dança. Palavras recolhidas  
em âncoras ante portos  
ao largo. Estrita proeza  
entre muros. Porta entreaberta.

O curso força a terra em movimentos.  
Ciclos condensam oportunas histórias.  
A vida reapresenta mitos.

O medo se apodera em deuses  
e saltimbancos erram exercícios:

salteadores espreitam atalaias.

De cor e salteado: correta proporção entre  
velas acesas e flores distribuídas pela sala.  
Espaço interveniente na ocupação do corpo.

O essencial diz de si. Luzes decorrem  
evidências nos desacertos perdidos  
em coberturas: no final da noite  
repousam animais domesticáveis:  
sem luzes e destino.

A destinação permite o desenlace: momento incerto  
em que a verdade  
afloresce  
reproduções. Metafórica espera  
ante o desenvolver  
e a utopia.

O destino esquece a origem: negócios  
inacabados  
sobre preços  
estabelecidos ornamentam  
figuras de linguagem.

No linguajar o esforço concretiza.  
Tem no sotaque o regresso.  
Oferecido ao obstáculo  
grita impropérios: nada retém  
a inoportuna anterioridade  
afinada em cordas cortantes.

O desenho desenvolve conceitos  
sobre o todo. A palavra busca  
em prefixos o radicalismo  
por termos raízes.

Radical: conversas de fim de tarde  
em que a posteridade conserva idiossincrasias:

entrar  
e permanecer: âmago  
e fruto. O desfeito  
em notas musicais. Anterior  
ao feito na luz descortinada.

Passado em bandeja  
prateada: o interesse no desenvolver  
a coisa como objeto.

Objetar: a imprudência carrega a tolerância.  
Esquecer a tormenta anunciada em prantos.  
O anteparo resulta vozes desditas em palavras.  
Não objetiva o encontro  
pela semelhança: simboliza  
a lisura do trajeto.

A igualdade ilude ideias libertárias:  
não se coaduna no desespero do esteta.

A estética traduz a vista considerada  
em gerações: desde quando observou a primeira  
diferença entre noite e dia. O aprimorar

da essencialidade  
no reconhecimento  
da possibilidade além do claro escuro  
binário paradigma: vozes diferenciadas  
em matizes.

Aromatizado: recolhe o gosto em variedades.  
Odoriza o corpo em reconhecimento. Cada  
sentimento  
recolocado em essências. O colorido  
despertado nas reentrâncias. Sabedor  
da diferença  
ousa.

## 4ª. Parte



Contempla na ousadia a semelhança: sua chegada  
resulta da impropriedade no resgate.

Verga a terra.

Acelera.

Concede sua solenidade à dúvida:

espera contemplar  
no erro a necessidade  
de se fazer avante.

Sua vivência o conduz ao lapso  
filosófico: onde se (a)aguarda.





# ESTRANGEIRO



(Dobraduras de Júlia e Luísa Du Bois / 2016)





## **Como Terceira Pessoa**

Ao estrangeiro cabe o direito  
de não se sentir em casa. Sonhar a volta  
o retorno  
a visão de antes.

Suas alegrias perdem razões e se debruçam  
no passado. A distância eternizada  
na lembrança.

Ao estrangeiro os dias não se repetem  
comparados ao tempo em sua terra.

Sente a necessidade de se fazer ausente  
e do regresso trata na intimidade.

O retorno é dor florida  
oferecendo a face  
ao destino.

Ter estado no local do nascimento  
e ter ido embora: relance  
com que se destacam  
nas sombras  
as variações da história.

(A dificuldade ilumina a lembrança  
das facilidades deixadas).

Fala a língua  
do povo na terra  
permitida:

não se entendem.  
Entender é pertencer  
e o estrangeiro é o carrasco da palavra.  
( saudade).

Pelos anos enterrados os anos ultrapassados  
harmonizam: não ser daqui originário.

O cheiro da terra não conquista  
o alento da revoada. Pena pássaros  
migratórios. Lê livros  
repletos de incidentes.

Reparte o nascente no vir e estar.  
Aterra o corpo e sente a dificuldade  
de se dizer em casa.

Estranha deuses desprovidos  
da terra materna: figuras resfriadas  
em desatendimento. A alma superada  
diante da estrada que lhe trouxe  
como escravo. Deuses não  
se comportam em necessidades.

Adornos opacos  
da fraqueza: levados  
aos altares avessos  
em dominações e glórias.

A terra ininterrupta cobre as imagens.

Sentado  
com seu filho  
ao colo. O filho dorme  
                  saciado da fome  
                  mineral da exterioridade.

A mente repousa  
por inteiro no texto  
desmesurado da revista.

A vida é resumo isolado  
                  ilhado  
                  de ter sido feita  
                  estranha sina  
                  e desconhecimento:

                  no lado  
                  errado da jornada.

Sonha o retorno  
acorda  
e renega  
a ideia  
que permanece.

Enquanto tiver forças  
debaterá no cheiro  
o aroma da refrega.

Depois a entrega  
                  se abrirá: desliza os olhos  
                  a tela lendo as instruções  
                                  da volta.

Não veio verdadeiramente  
o corpo sim

a mente: aumenta  
a distância opondo restrições  
pelo medo do retorno.  
(não devia ter aceitado  
a condição: regressar é o sentido).

Avesso em compromissos  
aceita a sina  
(desdita).

Repugna as razões  
sonhadas na inação dos sentidos.

De olhos abertos  
vê a torre prometida  
ao regresso. Fecha a visão  
à sorte: sonha.

Dias são fronteiras fechadas: altas cercas.  
A memória é a perdição do espaço: repasto  
de carniças estendendo bicos de vingança.

Em dias sucessivos enlouquece  
a visão distanciada em elementos  
febris dos desencontros: repete  
de memória o texto do regresso.

A mulher nativa o ser junto ao corpo  
e o desperta na hora do almoço amargo  
da travessa: a travessia não se completa.

Órfão (escuta a conversa amarga dos pais).  
Ontem (as terras próximas).  
Hoje (o ampliar da fronteira imita o rio  
passando em largas margens).

Amanhã (cessam as conversas e os olhos fogem  
sob as pálpebras: o sono suspende  
por horas a refrega).

Sempre (a transformação do papel em tinta  
desperta os termos: sua memória  
é sua terra).

Não pode ser bom em terras ásperas:  
será fraco.

Esconde as lágrimas.  
Esconde as lágrimas.  
Resseca as lágrimas.

Não pode ser fraco em terras ásperas.

Reafirma sua força interior  
- à margem do processo  
determina ao leme  
a jornada –

debruça-se em amuradas.

O mar é o bravio estado  
em que se esconde. A luta  
inferior onde se encontram  
as mensagens.

- No lado oposto do avanço  
regressa em silêncio. O estrangeiro  
se faz referência em diferenças.

No sorriso indistinto do filho  
escapa risos nervosos  
na fixação da espécie.

A prisão eternizada  
na palavra balbuciada.

Exerce o segredo do poder  
e exige a repetição em outro verbo:

a verdade do início se faz sombra  
a linguagem é a mesma pelas ruas.

Diferenciar o igual do que foi igual  
no corpo ora encontrado.

Ter sido você e ao mesmo tempo  
e logo em seguida  
e após  
ter sido o outro: perdido  
em mares navegados  
em ares carregados  
em terras

(igualdade pressuposta como enigma  
da bifurcação: o passado  
e o futuro sobrepostos).

A ninguém pertence: vaga personagem  
desfeita em trajetos.

A si desconhece o paradeiro:  
está aqui como estaria ali e acolá

(desnecessário dizer sobre a proposição  
modificando o signo: o poente o persegue  
em orações ligeiras de arrependimentos.)

Além sobrevive a dúvida da chegada.  
A partida no choro perdido em estiagens.

Acompanha o dono  
e se sente proprietário.  
A porta fechada ao intruso: você  
e sua diferença.

Rufa passos indecisos: guerras  
de derrotas antecedem batalhas  
aguerridas. As pazes lacradas  
aos estrangeiros.

O dono sorri sua magnificência:  
sabe estar derrotado.

Recebe a correspondência:  
pelo endereço percebe  
onde se desencontra. Não está no lugar  
de costume. Retorna o raciocínio  
e repete: não está onde se acostuma.

Quem remete está onde  
deveria ser o seu lugar.

Desconhecido nas letras mortas  
e secas do contrato retira o extrato:  
a carta diz – fala ou escreve –

do sobranceiro olhar posto  
ao longe: onde o longe é o aperto  
de mão e a despedida. O aceno  
e o abano. O longe está diante  
de si mesmo e está ausente.

Vive entre andares: subir  
e descer

( diário reencontro com os vizinhos.  
Novos desconhecidos na frieza  
das relações).

Estrangeiros como você  
se identificam na infinidade  
suspensa dos parentescos.

Ao idiossincrático responde dúvidas.  
Esvoaçantes seres desconexos. Não pertence  
à gaiola. Não pertence ao espaço. Esqueceu  
a maneira de se transportar em mistério.  
Exerce o ministério com amor e se desilude:  
dúvidas assomadas prendem as formas  
divagadas ao extremo. Sabe do início  
da viagem e da redundância remanescente.  
Ao idiossincrático avanço da esperança  
estanca a fera e a vê disforme ser arrestada  
ao fundo. A profundidade o comove: ter estado  
presente ao ato não o torna proprietário  
da verdade. Na distração do outono foge  
do inverno acometido em versões diversas.

O frio congela o movimento.  
As dúvidas permanecem.

Visitou os lugares: lembra as histórias  
e dos locais emergem cenas. Ainda  
é criança e seus amigos correm  
ao lado. Mistifica a cena  
e extrai os mitos.

Agora é o estrangeiro  
visitando as ruínas  
de sua antiguidade.

Não voltar  
é permanecer  
abreviado  
em lembranças.

Esmorecer antes que anoiteça  
e cansar a imagem em transparências.

Retornar é a angústia  
elevada aos deuses  
desconsiderados no altar interposto  
ao medo  
do reconhecimento.



### **Como Primeira Pessoa**

Não houve o impulso mágico da fortuna  
nem a tragédia personalizou meu ato.

Ir embora foi a consequência  
do andamento. O atendimento  
ao desconforto de estar perto.

Imaginar o corpo deslizando  
neves e águas. Despossuir  
a terra: submergir ares desconformados.

Naveguei ao relento  
como barco ancorado em futuro  
tempo. Estou aqui e sinto  
frio. A indiferença.

Talvez houvesse chegado  
em outra época. Quando  
as necessidades fossem menores.

Talvez assim não me tivessem medo.  
Talvez pudesse ser incorporado  
pelo mercado:  
exótico pássaro  
oferecido aos ares.

Fui refinado em cada etapa do caminho:  
a distância me fez  
insensível ao corte.

(Fugir da morte esperada  
não me fez mais forte  
e dedicado).

Não me fiz ao açoitado  
e do aceite me fiz distante:  
a solidão gera estranhas  
formas de subserviência.

Podia ter chorado a descoberta.  
Silenciei a ousadia de me tornar igual.  
A igualdade chorada porque encoberta.  
Ocultei a origem. Não menti. Omiti.

Descobri no tempo a ação residual  
da ignorância: entreguei ao vento  
o profetizado discurso.

(Tive pena da minha sorte).

Podia ter deixado a porta entreaberta  
eo retorno. Seria outro objeto  
desconsiderado. Estranho.

Nos lugares ultrapassados  
em fuga o desprezo vazio  
da ociosidade. Encontrar o destino  
é me fazer dileto filho  
da igualdade na irmandade  
pesarosa do sangue. O peso do nome.

Alterei lugares do passado  
e na desordem deixada  
me entreguei no caos acercado  
em discussões e verdades.

Soaram sirenes. No vão entre casas  
observei o corpo contra o muro.

O cão latiu o lado de dentro.  
A fera espiou sobre o telhado.  
O medo singrou árvores em retirada.  
O corpo concretado ao muro respira  
profundo desprezo.

A hora simbólica do reencontro: o que veio  
em mim.

Sou a diversificação das horas  
e a multiplicação do objeto.

O medo na transformação da cena  
em palco iluminado. A exposição.

O homem conversou comigo  
na sua língua.

Meu pai meu irmão meus vizinhos  
meu amigo e minhas relações  
terminadas em algaravias: a casa  
verdadeira permaneceu em mim.

Não compreendi o sentido das palavras.  
O papel manchado em bonitos arabescos.  
Minha casa presente em descaso.

Não tento entender as circunstâncias  
com que minha casa se oferece  
em abrigo ao desconhecimento.

Ir embora me permitiria  
descartar as lembranças e reiniciar  
a memória em novos sonhos.  
Renovar em crenças os senhores  
que me absolvem do martírio.

Reaver em passos o percurso  
adquirido ao elemento estranho  
do começo. Ir embora permitiria  
o descoberto avistar  
a mim mesmo em outra época.

Ter ficado não impede  
o sofrimento: o estrangeiro  
é assim: imprudente  
em si mesmo.

Alheio.

Nos tonéis vazios empilhados no pátio  
retirei as visões: entendi a complexidade  
de não ser senhor dos atos. A fraqueza  
diante do inaudito e a incerteza de estar  
ciente dos fatos.

Ao me tornar adulto lembrei as cenas  
ilusórias e me refiz estranho  
em acontecimentos: a realidade traduzida  
no encontro  
e no desencontro  
com que o éter  
- desde sempre –  
me tornou estrangeiro  
em meu (im)próprio pátio.

Assisti irmãos se digladiando  
pela herança paterna.  
A mãe ao fundo  
assistia impassível: a luta  
diminui o número de filhos

o processo se encarregou  
de os desconhecer irmãos.

Estrangeiros: alegavam verdades  
inexistentes e nas inverdades  
incutiam suas realidades.

Sento para a refeição.  
A mesa repleta.  
A mesa farta.

Encho o copo com água.

Bebo em silêncio.  
Alguém pede que lhe alcance  
o prato com a salada.

Levanto e me afasto  
levando o copo pela metade.

Não me dizem respeito.  
Não me fazem falta.  
Não os conheço.

O que disseram: agora você faz parte  
da nossa equipe. Que o tanto  
pago pelo seu passe seja justificado  
por suas atitudes. Não queremos  
visionários. Queremos homens  
lutadores e audazes. Seja bem vindo.

Como estrangeiro assim tratado  
olho com desinteresse meu interlocutor.  
Sorrio a incerteza da vitória.  
O pagamento não serve como garantia.  
Nem sustenta a minha amizade.

Sorrio.  
Sei que não sou bem vindo.

Bloqueado em milagres  
mistifico embustes  
e na rapidez das mãos  
desapareço luzes. No escuro  
me realimento:  
a saudade antecipa  
minha memória.

Desfeito em ritos me eternizo  
na efemeridade do regresso.

Rebusco no reflexo a pista onde me perdi  
da imagem feita ao futuro. O enfeite  
em que embustes se transfiguram  
em esquecimento. Esqueço o presente  
e me apresento antes: enquanto  
reconhecido na felicidade. Antes da ruptura  
a estrutura estala dores. Depois cede.

Cedo ao mistério. Nunca fui o menino  
sobre a árvore. Não desenhei a árvore.  
Nem tive a palavra aditada no discurso.

Não há pistas sobre meu desaparecimento.  
Entre transeuntes observando a cena  
distingo o estrangeiro em cópias.



## **Como Indefinida Pessoa**

Aguardar a hora de se fazer ao largo.

Desembrulhar o pacote com suas vezes.

Apurar o ouvido aos lados: repousar  
enquanto trabalham os deuses.

Divinizar a sorte e lançar o verbo  
em relance. Não ser do objeto  
a serventia: da serventia o objeto faltante.

Os filhos têm por dever  
saber a hora de sair de casa: após  
entenderem que não mais dividem  
com seus pais os seus segredos.

(Nascido em berço).

Exclama aos ventos seus problemas  
e os divide: a classe dos desfavorecidos  
é o fiel da balança. Razão para ir  
embora. Busca no ocidente a orientação  
impossível: retornar no fato inconcluso.

- Lembra antigos livros fabulosos  
detidos na lembrança da moralidade:  
ir embora é procurar o espaço  
ocupado pela crueldade.

(Nascido em berço cessa a procura  
dos ângulos. Sonogado encerra o ciclo:  
ao estrangeiro cabe direitos: não falar  
sobre o passado em manjedouras  
secas em palhas.)

Circunavega o mundo: estabelece  
com os elementos o conluio. É criminoso  
e vítima. A arma e o corpo abatido.

Estende o medo ao perigo  
e treme a necessidade.

Estende a mão e pede  
o silêncio da palavra.  
Estender a mão é gesto

reconhecido. Encolher  
o braço. Escolher o sorriso  
com que agradece.

A distância percorrida não aumenta o sentido  
do desconhecimento (não o intimida). Mantém  
inconcluso o discurso da saída: em algum  
lugar ao acaso reside o regresso.

Resta a paisagem  
onde olhos distraem os sentidos:

o viajante pontua a passagem  
em imagens.

Foge da dor da deslembração  
acolhendo na voz original  
trazida no esforço a canção  
desigual da terra prometida.

Resta o que vê da paisagem  
nua e inquieta dos ventos.

rotula o esboço  
e a transforma  
no desenho virtual  
do século aprazado.

Sobreposta a paisagem incorpora  
suas marcas. Depois as apaga.

Guardas vigiam as fronteiras  
em ambos os lados: diurnas

presenças  
na finitude  
do espaço.

Dizer ao lado até breve.  
Dizer ao lado bom dia.

Guardas apontam armas  
burocráticas contra quem chega.  
Armas letais a quem sai.

Vezes em silêncio e respeito  
guardas trocam de lado.

Pesam a bagagem do estrangeiro  
considerado o que não leva. Pesa  
a razão e a infinidade em dúvidas.

Pesam as pedras atiradas  
contra a casa. Raiva na retirada.

O medo da caminhada  
no desconhecimento da chegada.

O estrangeiro traz o mundo (infundada  
face)  
entre os braços. Embaraça.

Começo: a ideia vinda do nada  
cresce e se transforma em obsessão.  
Começo: dar-se conta da letra  
desfeita em sonhos.

Começo: ondas sufocam cansaços.

Começo: ter a certeza e ter medo.  
Em cada esquina prenciar  
o caminho. bifurcado sentido altera  
a lateralidade. Cede.

Quem apaga a vela  
a chama: clama seu deserto  
e seus quantos dias  
apresentados em mazelas.

Sobreviver significa conviver.  
Conviver é o final do estágio  
na administração febril  
das insinuações: você é o segmento  
aderente ao processo.

Reacende a chama e o ambiente  
é outro. Outra a razão. Outro  
é você. E ao tempo o mesmo.

Na manhã em que o sonho  
se desfez chorou a certeza.  
Na incompreensão das cenas  
reconstruiu o futuro.

Aberto ao condicionamento procurou  
no sono o reencontro com seus mitos.

Mentiu deuses e consumiu  
o vinho. Sentiu a destruição  
do esconderijo.

Avesso encontro: na despedida  
não evitou o suspiro da mãe.

A noite entrelaça a vontade  
e a desperta. Ser estrangeiro  
de quarto e sala. Ser de fora  
a porta encostada chorando  
o regresso. A luz acesa.

No instante em que se libertou  
o estrangeiro se instalou em você: indefinida  
mancha alastrada em sua sombra.

Instante perpetuado na estranheza do outro.  
No acomodamento e na aceitação.

Processo reiniciado no instante da submissão.

Sair: levar o nome de batismo  
e refazer os documentos.

O mesmo corpo sob a igualdade  
do nome apostado pela certeza.

Sempre será aquele a trabalhar  
para que a mudança  
permaneça  
nos elementos  
identificadores.

Sai e leva a atenção redobrada  
para não perder a originalidade.  
(O que chorou na apreensão  
da palavra).

Se disser ao barqueiro: eis o preço pago  
ao trajeto e estender a mão e deixar cair  
a moeda ao condutor caberá estender a mão

e recolher o valor sem perguntar a razão  
da viagem e da necessidade de se transmutar  
do conhecido em estranho. Pagará  
e sentará ao fundo. Olhará as águas  
sem vontade e rancor. Fechará os olhos  
na esperança de não estar ali. Ouvirá  
a voz na igualdade das despedidas.

Chorar o dinheiro ofertado  
pela desistência. Levantar  
e voltar a sentar. O barco  
transita o canal e o canal  
se alarga em mar.

Desconhecer na multiplicação da imagem  
aquela que lhe contém. A sombra  
e a luz reiniciadas  
no espaço vazio  
das ocupações.

Ser você além da terceira pessoa  
na pluralidade do brilho. Astro  
e planeta em sistema pendular.

Desconhecer-se e assim  
entender-se no todo  
magnificado pela paixão.

Ter sido lançado ao mundo:  
espóculo gratificado  
espermatozoide conduzido.

Ter acompanhado o séquito  
o andor  
o cortejo fúnebre  
do príncipe inato.

Ter vicejado terras e no brilho emprestado  
ao satélite avistado monstros e donzelas.

Ter na viagem colhido os recortes  
das florestas e o desdizer dos pássaros.

Ter sido posto fora do contexto  
no beijo negado à infantilidade  
do regaço: inalcançável.

Ter estado aqui pelo tempo  
desnecessário. E permanecer.

# O ANIMAL INSACIÁVEL



(2001 / A Praça dos Plátanos 10 / Carlos Eduardo Paes Leme Nicolini)



Em mim contemplo quem deteriorado  
em erros contém o exagero:

amo na paisagem  
o horizonte  
limitador  
da forma.

Antevista no reflexo  
sei a idealização da fera.

Encerrado na permissão da fresta.

De onde venho trago  
a indefinição do amor  
ressentido em paixões.

O intransitável na forma  
construída em embates: minha  
consciência no esforço  
de me fazer traição  
e medo.

- Inverno –

Sou invenção teórica do inexistente.  
Habitante contumaz de salões  
em luzes abaixadas no extremo  
do reconhecimento.

Texto inconcluso  
de pontos finalizados  
em destempero.

Água corrente no descompasso  
terreno: quem se sustenta  
além das margens: invado.

Como caça: paralisado  
    ante a força  
        a velocidade  
        a agilidade.

Terrível esforço.  
Tênué esperança  
de escape: vida  
    nos olhos  
    predadores.

Escassa maneira de pensar  
em dias melhores.

Dentes arrancam da carne  
a vida: a fome distribuída  
    em etapas cria necessidades.

Ossos.  
No tutano a boca suga  
    impropriedades.

Engordura.

O restante disperso em terra  
alheia o predador  
    do consumo: insatisfeito  
    em vontades retorna  
no rito diário  
da espreita.

Tem a preponderância  
do combate: luta em seu ambiente.

Alimentado em náuseas  
sabe o que lhe sucede.

Ontem e hoje: a temporalidade  
resfria sua permanência  
no ato: odeia conceber  
o dia seguinte. Anoitece.

Não lhe basta o sucesso: afirma  
sua primazia no reflexo. Insiste  
na teimosia. Sua ação desencadeia  
motivos para as lutas.

Arremedo farsesco na inverdade  
apregoadado ao tanto: distante  
em objetivos  
conhece do fracasso  
demolido na inveja.

A palavra incendeia  
evidências: sobre o fato  
relatos destoam  
diversidades.

Até onde desconhecer significa  
a importância. Até quando desfazer  
traduz a imobilidade  
da fera ante a possibilidade  
do bote: serpente  
busca inocular

sua peçonha  
anteposta no desdizer  
da fera.

Conhecer determina  
o gosto pelo todo:

encalha detalhes  
na imune  
depressão  
do choro. Destravada  
em igualdades a sombra se arremessa  
no desencontro do que ilumina.

A aversão contabiliza  
perdas em que vidas  
se desinteressam.

Ao animal faminto das entrelinhas  
cabe repousar  
sua sina: contrariedade  
imóvel na concreta ilusão  
do movimento.

Seu corpo se oferece  
em descanso: sua vontade  
estanca peças abstraídas  
no ato ofertado em sonhos.

Animal circulado  
em ofertas: preços diferenciam  
sua humildade.

No humano espargir  
das ideias transitam  
objetos marginalizados.

O centro é substância  
de insubmisso gosto  
pelo todo: ressurgir na forma  
da indeterminação na voz  
do mesmo silêncio.

Não há razão para o espanto.  
O erro injustificável se avoluma  
em queixas. Olhares dispersam dardos  
em metáforas de último grau.

Onde esteve quem não se defende:  
ante o impropério gestado no silenciar  
do espírito barulhos despertam  
antigas aleivosias. Quem entre todos  
se faz raivoso.

No desespero pelo não feito urge  
demoras em planos projetados.  
Em demorado ofício são conduzidos  
óbices ao despropósito. A exaustão  
na finalidade consome a providência  
divinizada em pedidos. Incomoda  
a impossibilidade de se fazer  
perpétuo em nada feito.

Tem por ofício as boas notícias  
distorcidas em tragédias  
e fatalidades.

Exercício da condenação  
pelo esforço desprezado  
no acobertar a cena  
do crime (ainda) não consentido.

A impossibilidade mantém  
a palavra empenhada em opostos  
sentidos. O ressentir na unidade  
da verdade.

Ontem a imagem cristalizada  
da vontade espairece  
no amanhecer: nada  
comparado  
à vontade dos corpos  
superpostos:

olhares alinhavados  
em única costura.

O mero encaminhar  
da vontade pontifica  
no corpo enlaçado.

Sim.  
Esmacida figura adormecida  
em cama abandonada.

No amor civilizado  
o compromisso deslumbra  
a razão. A constância transforma  
o inarredável em mesmas situações.

O sujeitar-se no escopo  
da permanência resfria  
possibilidades em tempos  
igualados em filhos na possível  
vitória de gerações sucessivas.

No desencontro a paixão  
pontua animais sedentos  
de reencontros e desconhecimentos.

Além  
o permitido  
exige recompensa: o fastio  
reaprende a necessidade  
de suprir futuros: a inexistência  
imagina o impossível.

Por isso a fome  
se desdobra em sinapses:

ao corpo cabe  
alarmar o espírito  
na permanência.

Anunciado em oportunidades o espaço  
se coaduna no desforço: brigam corpos  
em desavenças. Antes amadureçam  
sonhos o equilíbrio se ressentido da falsa  
coragem assumida no desconforto  
: saber da perda desorienta o espírito  
no paradoxo invariável e falível.

Sendo a morte expectativa  
concorrente em vidas largadas  
no amargor da sapiência

o interlúdio movimenta  
instantes descobertos no alvitre  
destinado: insolúvel mistério  
na determinação da naturalidade  
com que o espaço  
desfia cantares  
em oferenda.

A indeterminação confunde: na certeza  
repousa a inutilidade  
de se fazer recente.

Lágrimas transbordam  
verbos na anunciada oferta  
de o desgosto  
se dizer consciente.

Olhos desdizem o sorriso  
refeito no canto da boca

(esgar e ficar)

ante o sortilégio de ser  
entrevisto em tristezas.

Pode ser o erro  
e além do erro  
o receio  
desfeito.

Feito amor filial  
e fraterno  
e diuturnamente

conduzido no excesso  
de quem se submete  
ao erro imprudente  
de querer ser feliz.

### Visão Pessoal

Não nego a evidência.  
Em cada sentido existe o contrassenso.  
No amanhecer desponto  
a inexatidão do dia  
em desencontro.

Gosto de me enfronhar aos poucos  
sobre as coisas: mesmo as deixadas  
pelo carrasco.

Posso: carrego a insuficiência  
descontada no peso da idade.

Tenho medo.

Sobre questões elementares falseio  
instrumentos: sopro no ouvido  
o som concedido  
ao esteta. Em mim renasço  
dúvidas no pouco deixado  
na evidência: basta abrir os olhos

para reconhecer no infinitivo  
a impossibilidade  
do que minto  
elementos: meus pés  
          buscam o degrau e minhas  
          mãos fogem ao corrimão.

Aprendo ser inócuo em saciedades  
no absurdo sabor do palatável.

Verso ritmado  
em consenso. Soube.

Sei da necessária  
obra reconstruída  
no espaço entre o porvir  
                                  e o revisto.

Aquieto a ansiedade em miras  
copiadas do esboço: minha  
fome transfigura o corpo no esforço  
de me fazer reticência ouvida  
pelo lado de fora. Tenho  
          a objetividade predatória  
          de que me sustento.

Nem sempre  
o assim  
assado  
contempla  
          o outro: progressista  
avanço decomposto  
no passado. Outras conquistas

dedicam ao vencedor  
o rito. O risco determina  
no papel o esforço dedicado  
ao ensinamento. O passado apenas  
repetido recompõe a apreensão.

Ante o alvoroço  
silencio. Antes do almoço  
silencio. Antieconômico  
sou preço. Sempre regresso sorrisos.  
Pedras marcam vistas no elemento  
construtor da espera: dedicado  
badalar do sino: a lembrança  
se desfaz no rosto (ainda) inexistente.

Pois sim.  
O tradicional destaque omite  
no revisto

a desigualdade. Minha voz desdiz  
repetições: a dor reflete  
sentires na passagem.

Passo em falso.  
Falsidade na cor terceirizada  
do embuste. Brusca ideia  
do animal refeito em fomes.

Sem lembranças sou o possuído.  
Posse estendida em metros.  
Morte condensada em lágrimas.

Futuro.

Antevejo a pluma referenciada  
em ares no descalabro  
da descoberta: metade  
reveladora  
do autoritário. Esperança  
inoportuna. Oportunidade  
amestrada.

O homem fora do habitat  
renova impropriedades.

O reverso em si se repete.

O pássaro busca em águas  
descobertas o som da caça  
rente ao espelho: a impropriedade  
nas luzes solares

se destaca. O predador  
sabe do possível. A morte  
recompõe o destaque  
na permanente desforra  
de quem se sabe fático.

Nomino o que interrompe  
nossa conversa e me despe  
da sua presença. Desorienta  
a temporalidade em oxidação.

Não me permite a presença.  
Não me omite sua sapiência.

Desmarcada em compromissos  
surge ao acaso: nominada  
em vida se confunde.

Melhor desconhecer a força  
no justificar a árvore. Desfeito  
em enganos me esforço  
ao despropósito. Sou.  
Animal conferido no esboço  
transito inverdades: amplifico o engodo  
e medro a essencialidade que escondo.  
Em mim remanescem dúvidas.  
Na repetição o algoz me contempla  
no que ignoro.

Mesmo assim desaprendo.  
O desapareço é impedimento.  
Diminuo: em dias alternados  
esqueço a postulação dialética.

Monopolizo minha inverdade  
: desconstruo alvíssaras  
e em sobrepeso  
concedo quedas.

Quebro decoros em voz alterada  
no sacrifício de me fazer ausente  
: contemplo a enormidade  
em que não me alcanço.

O mal estar com que intimido  
opostos delimitados no transitório.

O olfato  
denuncia a invasão.

A visão escolhe  
o inimigo: conversas paralelas  
sobrepostas ao silêncio.

Alguns chamam reconhecimento.  
Outros proferem críticas.

A força contorna a palavra.  
O ganido. O grunhido.

(Não perco de vista a consequência).

Em avistado esforço  
desconstruo o mito.

Telas delimitam  
a possibilidade  
de sob toldos  
colorir o infinito.

(Mera pintura).

A boa vontade esmaece  
imprevidências: não  
há paz no razoável.

Desconheço na casa o objeto.  
Destranco a fragilidade.

Deixo de decompor  
a ventura: emprego  
a força em trajetos  
amiudados de sobrevida.

Sou mentor  
e aluno: quem  
se desobriga em alarmes  
retidos no trajeto.

Sou sirene em descontrole:  
alarmado na noite.

Lembro entrecruzar  
caminhos: labirínticas  
passagens de escolhas  
destituídas de arcabouço.

construo a base  
ao acrescentar o piso  
e elevar pavimentos  
alterar portas  
e janelas: aprisiono  
o corpo na cadeira ao vigiar  
o toque telefônico. Ofereço  
as mãos no teclado: inferiorizo.

Dados revelam o possível  
desordenado: ante a voz  
que se anuncia  
o indelével me circunscrita.

Não sou entendimento.

Em mim o transitório  
se alimenta  
e me realimenta.

Sou espera?

Não me despertam incertezas  
se aquele a quem espiono  
se destaca entrevisto.

Dano reparado no acessório.  
Animal em busca do alimento.

Elevador parado entre andares.  
Reunião desenvolvida em bocejos.

Premência.

Tempo: presente andor  
    tolhido na magnitude.  
    A total irrelevância  
    circunscreve envelopes.

Requentado café entrementes  
largado no adormecimento.

Soam telefonemas autônomos  
    em dizeres cifrados.

Não olho diretamente: presas  
sustentam antigos hábitos  
de repetência.

    Crispado em mãos  
    amaciadas enluvo crescentes  
    ânsias de me fazer distante.

Diamante embrutecido em vozes  
rascantes de antigas músicas  
recantadas: Janis me desdiz  
sem rodeios sobre animais  
desferidos contra cercados  
públicos. A generalidade  
dispensa no discurso o objetivo.  
De outra forma

    o peso sobre os olhos  
    determina a maldade  
    no que quero ver.

Revisto minha ingenuidade  
com a vontade atravessada  
aos deuses que me repetem  
em parceria: afinal

de quantas santificações  
necessito para que a sirene  
anuncie a passagem  
do carro de bombeiros?

O incêndio coabita o necessário  
temor da casa consumida  
em cartas e lembranças.

A mulher – apenas uma –  
debruçada em si mesma consiste  
na entrega do corpo: universaliza  
ideias de fêmeas  
conspurcadas ao tempo.

O temor originado na crença  
de algo  
e alguém  
e qualquer coisa  
acima da insignificância.

Conspurcados em si  
mesmo assim  
matam-se entre si

fossem juízes  
carrascos  
processantes em instâncias  
inferiorizadas no matiz  
da iluminação: outra

a sedução enregelada no prazer  
de ser entre tantos  
o ganhador em si.

Mesmo que o resultado  
evite a comemoração  
antes do final.

Uns livres. Outros livros.

Páginas consumidas em histórias  
de dispensas: corpos ensanguentados  
de donzelas fora de moda.

Revolta condizente no ato  
sobreposto em ações determinadas.

Alguém repete ordens.  
Consoantes grunhidas na distância.

O anúncio predispõe a derrota  
no espiralado círculo deixado  
ao conseguinte: sim  
disse o pai  
ao filho. Diante de mim  
repousam incertezas  
e frutas compradas em feiras  
livres de conceitos.

Minha milésima parte  
condiz elogios  
em ternuras  
espalhadas  
no reflexo

palavras  
gestualizam  
estudos  
no amanhecer: Alba  
desconexa na facilidade  
do elemento cristalizado  
em narcísico gosto.  
Essa a conversa  
vazia em descobertas.

A essencialidade transporta  
o silêncio onde trespasso  
cores. Branca ocasião  
desde sempre.

No demérito das palavras  
recosto descosturas: nem  
o filho da mãe Joana  
se dispõe em obviedades.

O vazio recobre a impossível  
deformação  
do tipo: nada decorre  
em si mesmo.

O animal  
no irracional  
que o constitui  
transita necessidades.

mesmo que agasalhe  
e alimente  
e acaricie  
seus filhos (filhotes)  
está – apenas – conduzindo

suas sobrevivências: necessária  
permanência  
em razões  
da perpetuidade  
da espécie: alguns devoram  
a cria na insuficiência  
em que se restam.



(Arte / Pedro Du Bois / 2018)



Descoberto em anúncios  
no final do tempo – o primeiro –  
deduz suas dúvidas sobre  
o outonal estado de espírito:

a novela transfere ao público  
a enormidade  
a deformidade  
do animal em busca  
do sossego  
refaz o tempo em distâncias  
mostra aos tolos a dinâmica  
da demonstração. Ouve a música  
dissonante e das baquetas  
no quidar do couro retira a espera.  
Desperta o signo enraizado e se contenta  
em ser da memória a alusão  
distanciada em verbos.

Na sala escuta músicas  
e vistas as imagens  
anunciadas desdobra  
a atenção em luzes  
hipnotizadoras de impunidades

no firmamento  
espúrio das obras  
de artes ressoam

sons ininteligíveis  
e da imensa perda  
não sobra o suficiente  
ao benefício da ausência

o esplendor da fala  
discute banalidades  
fortuitas e ignora  
a aversão à língua  
materna. Desmantelado  
e ofegante percebe  
na parede a mancha  
deixada pela manhã  
(qualquer manhã que não  
o acorde antes da hora)

Foge do contato  
de peles e perdas  
arroladas no testemunho  
igual e inaudito  
das promessas  
avessas em reconhecimento

fez a lição de casa: telefonou  
ao amigo impróprio e soube  
pelo rádio do aumento  
das tarifas. Tarefas  
sem o prazer

da oferta. O tardar  
das letras dispostas  
em palavras erráticas.

Descoberto em razão  
do atraso na quitação  
da responsabilidade  
pelo evento. O vento  
queima a cortina  
e o elemento faltante  
da história se apresenta  
e diz – de cor e salteado –  
como falar  
em deformidades  
se ao alcance  
repousa convites  
para novos almoços.

A fala traduzida  
em sotaques mesclados  
no desconhecer  
a pátria e afirmar ser  
o estrangeiro apátrida.

O intervalo esgota  
as permissões  
e se lança mundo  
afora. Fora de rumo

revolta o espaço  
e se distancia  
em retornos.

Anunciado em salvação  
e opróbrio. Teve a visão  
dos carontes traduzidos  
no barco em águas  
refundadas de amantes  
desconhecidas.  
A morte se destina  
no avançar acelerado  
do desespero. Bloqueado  
ao tempo discute  
a intensidade do momento.  
Na pureza afaga o cabelo  
da virgem apurada em sortilégio.  
O sacrifício necessitado da entrega  
sem que se anunciem em prédicas  
o método originário dos deuses.

Lembra personagens  
anteriores romanceados  
em vidas não assistidas.  
Ao bêbado oferecem o copo  
que na fuga dedicam a música

ao músico resta  
o silêncio entremeado  
em solos de clarinetas.

Preso em anúncios  
se despede antes a prisão  
fecha as portas e entre grades  
assista o pátio interno  
se transformar  
em paródia  
paranoia  
e desfile  
de criminosos  
desprovidos  
de atos  
condenatórios.

O outono permanece  
no entranhar de ossos  
e ofícios. Conserva  
a antessala desperdiçada  
em encontros aflitos  
de pecadores (se pecado  
for se saber inútil  
e no desalento  
buscar a solução  
do efeito).

Abandona o passadiço  
e se lança no abismo  
marítimo das viagens  
irrealizadas. Sonha

mapas desdobrados  
sobre mesas adocicadas  
nas refeições de sempre.

Estranha a língua praticada  
pelos nativos. Talvez  
esteja no lugar errôneo  
dos desconhecimentos

tenha ultrapassado  
o ponto de tangência  
e vigore em muros  
de outras residências.

Anunciado na salvação  
da pátria  
recusa o afago  
o apelo  
e o destempero  
da lâmina  
cerca o corpo  
em estocadas

destroca pares  
de sapatos. Tropeça  
sua ingenuidade  
no interesse  
amadurecido  
do sofrimento

(amou junto do amor  
materno a mulher  
recebida como esposa  
a mulher despercebida  
como amante a mulher  
adoentada no passar  
da conta).

Queria ter sido outro  
personagem. Atuado  
em palcos diferentes  
dos dias correntes.

Papéis oferecidos  
no estertor  
do espetáculo.

Adulterado palhaço  
de risos  
e choros  
de fingidos  
espectadores

inertes os olhos  
passeiam o picadeiro  
em busca da saudade.

Saiu de moda antes  
a vida fosse terminada.  
Vagueia suas teias  
em aranhas destroçadas.

Desbotado esmaece  
o papel e a paisagem  
o confunde em obviedades.

## **Algumas obras do Autor**

### **Poemas**

*O Vendedor de Cadeiras*

*A Construção do Gesto*

*Tristeza & Mínimo e a Menor Parte*

*Imagem & Reflexo (edição bilíngue)*

*De Mãos Dadas*

*Coleção de Palavras*

*Poemas*

*Tânia*

*Iguais*

*O Senhor das Estátuas*

*O Livro Infindável*

*O Homem Despegado em Olhos*

*Via Rápida*

*Brevidades*

*A Criação Estética*

### **Contos**

*Em Contos*



(Desenho / Pedro Du Bois / 2018)



Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Produção



[www.edicaopordemanda.com.br](http://www.edicaopordemanda.com.br)



**Pedro Du Bois**, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Participante do Projeto Passo Fundo.

<http://pedrodubois.blogspot.com>

Hoje a imagem diluída  
do esboço na alteração  
do espaço esmaece  
rubores: a graça do dia  
consequente executa  
perímetros agregados  
em símbolos fortuitos.

